

Anais

IV Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários: línguas, culturas e literaturas

União da Vitória, 05 a 08 de maio de 2025

Comissão Organizadora

Michele Schneiders
Fidelainy Sousa Silva
Giselle Ludka
Bernardete Ryba
Clarissa Loyola Comin
Valéria de Fátima Carvalho Vaz Boni
Maria Cristina Fernandes
Michelle Ranckel
Roberto Carlos Correia e Silva
Gustavo Souza da Silva
Ana Paula Teixeira
Larissa Aparecida Caczorowsch

Edição

Michele Schneiders

Revisão

Fidelainy Sousa Silva
Giselle Ludka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A535 Anais do IV Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários: línguas, culturas e literaturas: União da Vitória, 05 a 08 de maio de 2025 / comissão organizadora, Michele Schneiders... [et al.]. – União da Vitória, PR: Universidade Estadual do Paraná, 2025.
59 p.; e-book.
Inclui bibliografia e índice remissivo

E-book no formato PDF.
ISBN: 978-65-01-61892-0

1. Linguística – Congressos. 2. Literatura – Congressos. 3. Cultura – Congressos. 4. Línguas – Congressos. I. Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários (4.: 2025: União da Vitória, PR). II. Universidade Estadual do Paraná. Campus União da Vitória. Curso de Letras – Português e Inglês. III. Schneiders, Michele. IV. Silva, Fidelainy Sousa. V. Ludka, Giselle. VI. Ryba, Bernardete. VII. Comin, Clarissa Loyola. VIII. Boni, Valéria de Fátima Carvalho Vaz. IX. Fernandes, Maria Cristina. X. Ranckel, Michelle. XI. Silva, Roberto Carlos Correia e. XII. Silva, Gustavo Souza da. XIII. Teixeira, Ana Paula. XIV. Caczorowsch, Larissa Aparecida.

CDD 410

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

Sumário

Resumos

DEFINIÇÃO E COMPREENSÃO DE LÍNGUA NO REFERENCIAL CURRICULAR DO PARANÁ: DIREITOS, PRINCÍPIOS E ORIENTAÇÕES – *Jaine Pereira, Michele Schneiders*

BRINCADEIRAS CRUÉIS: ASPECTOS DO GÓTICO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – *Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro*

MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA: NARRATIVAS DE MÃES DE HOMOSSEXUAIS – *Silvia Regina Delong*

ALÉM DO BASTIDOR: EXPERIÊNCIAS DE UM CLUBE DO LIVRO EM UNIÃO DA VITÓRIA – *Kauane Eduarda Verissimo, Suellen Lorena de Fátima Custódio Klein, Fagner Kotowski Porfírio dos Santos, Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro*

A INSTAPOESIA E A LEITURA NO AMBIENTE DIGITAL – *Karina Bueno, Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro*

INFLUÊNCIAS DA ORALIDADE NA ESCRITA DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DO CAMPO EM ANTONIO OLINTO (PR) – *Gustavo Souza da Silva, Michele Schneiders*

YEONGHE (A VEGETARIANA, HAN KANG) E O ROMPIMENTO COM A TRADIÇÃO – *Susan Marie Grudysz Szpunar*

A PRESENÇA DE FABRÍCIO VIEIRA EM PAULO FRONTIN: BANDOLEIRISMO E VIOLÊNCIA NO VALE DO IGUAÇU – *Jonathan Janiszewski*

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: POSSIBILIDADES PARA O INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – *Soraya Cruz*

“TMJ, VDD, SQN E PPR”: UMA ANÁLISE SOBRE A LINGUAGEM DA INTERNET – *Larissa Aparecida Caczorowsch, Michele Schneiders*

A LITERATURA ENQUANTO REGISTRO: A OBRA “CHŁOPI”, DE WŁADYSŁAW STANISŁAW REYMONT, COMO TESTEMUNHO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO – *Jessica Turkot, Alcimara Aparecida Foetsch*

A CAPA COMO INTERFACE DE LEITURA: ANÁLISE PERIGRÁFICA DE CAPAS DE LIVROS INFANTOJUVENIS NO ACERVO DA BIBLIOTECA POLONESA DA UNESPAR – *Kaynan Gabriel Schorr, Alcimara Aparecida Foetsch*

DESAFIOS NA APRENDIZAGEM DE UMA SEGUNDA LÍNGUA EM FALANTES ADULTOS – *Ana Paula Teixeira, Michele Schneiders*

Sumário

Resumos expandidos

DEFINIÇÃO E COMPREENSÃO DE LÍNGUA NO REFERENCIAL CURRICULAR DO PARANÁ: DIREITOS, PRINCÍPIOS E ORIENTAÇÕES – *Jaine Pereira, Michele Schneiders*

ALÉM DO BASTIDOR: EXPERIÊNCIAS DE UM CLUBE DO LIVRO EM UNIÃO DA VITÓRIA – *Kauane Eduarda Verissimo, Suellen Lorena de Fátima Custódio Klein, Fagner Kotowski Porfírio dos Santos, Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro*

A INSTAPOESIA E A LEITURA NO AMBIENTE DIGITAL – *Karina Bueno, Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro*

A LITERATURA ENQUANTO REGISTRO: A OBRA “CHŁOP”, DE WŁADYSŁAW STANISŁAW REYMONT, COMO TESTEMUNHO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO – *Jessica Turkot, Alcimara Aparecida Foetsch*

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: POSSIBILIDADES PARA O INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – *Soraya Cruz*

ESCRITA CRIATIVA: SENTIDOS PARA A ESCRITA ACADÊMICA – *Fidelainy Sousa Silva*

RELATOS DE EXPERIÊNCIA: AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO – *Daniela Roberta Holdefer, Giselle Ludka, Matheus Falk, Raul Ferreira Belúcio Nogueira, Sandra Salete de Camargo Silva*

RESUMOS

DEFINIÇÃO E COMPREENSÃO DE LÍNGUA NO REFERENCIAL CURRICULAR DO PARANÁ: DIREITOS, PRINCÍPIOS E ORIENTAÇÕES

Jaine Pereira (UNESPAR-UV)
jaine.pereira77@estudante.unespar.com.br
Michele Schneiders (UNESPAR-UV)
michele.schneiders@unespar.edu.br

Resumo: O presente estudo visa analisar e compreender a definição de língua abordada no documento que norteia a educação do estado do Paraná: *o Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações*. A pesquisa busca investigar a concepção de língua adotada no documento, pois é importante que saibamos qual é a concepção de língua adotada, de modo que, auxilie no ensino e aprendizagem da língua. A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa, que analisa o documento citado anteriormente, a fim de encontrarmos explicações. Para conduzir a pesquisa, nossa fundamentação teórica foi baseada em três linguistas e suas concepções de língua, primeiramente, Ferdinand de Saussure (1916), que estudou a língua como ciência e defendia que a língua era uma estrutura. Em segundo lugar, destacam-se as contribuições de Noam Chomsky (1957), representante da corrente denominada gerativismo, que defendia a língua como um sistema de sentenças. Por último, o norte-americano William Labov, que dedicou-se aos estudos da sociolinguística, concebia a língua como uma manifestação social, heterogênea e passível de mudanças tanto na fala quanto na escrita. A análise evidenciou que a concepção de língua predominante no documento é a Sociolinguística, conforme a teoria de Labov (1972), que compreende a língua como manifestação e interação social. Desse modo, podendo ser reforçadas por atividades e práticas sociais presentes no documento oficial, destacamos o campo de atuação da vida pública que promove interações sociais por meio da leitura e escrita de temas relevantes à sociedade, contribuindo para a aprendizagem da língua portuguesa e desenvolvimento dos estudantes.

Palavras-chave: Estudos sociolinguísticos. Educação. Língua.

BRINCADEIRAS CRUÉIS: ASPECTOS DO GÓTICO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro (UNESPAR-UV)
fhcc2001@hotmail.com

Resumo: Este trabalho visa discutir dois contos brasileiros contemporâneos, *Tique-taque* (2021), de Cláudia Lemes, e *Devolva minha aliança* (2013), de Rosa Amanda Strausz. Busca-se destacar o modo como mobilizam motivos góticos, entre eles o *locus horribilis*, o monstro e a presença fantasmagórica do passado, aspectos que, segundo França (2017), constituem esse gênero. Nesse sentido, retomaremos os postulados de Botting (2005) para quem o gótico se caracteriza pelo excesso e pela transgressão. Nos textos em questão essa característica se releva a partir da violação de fronteiras que dividem o sagrado do profano, a seriedade da brincadeira, o humano do inumano. A análise e interpretação nos encaminhará para uma discussão sobre o caráter pedagógico de certas narrativas de horror que, de acordo com Creed (1993), funcionam como rituais de purificação.

Palavras-chave: Horror. Gótico. Cláudia Lemes. Rosa Amanda Strausz.

MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA: NARRATIVAS DE MÃES DE HOMOSSEXUAIS

Silvia Regina Delong (UNESPAR-UV)
silvia.delong@ies.unespar.edu.br

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar a construção das identidades sociais das mães de homossexuais (gays e lésbicas) através de narrativas orais tendo em vista as suas experiências pessoais. Para isso, faz-se necessário elucidar quais são os desafios do processo de aceitação de um(a) filho(a) homossexual com o intuito de compreender de que maneira ocorre tal processo (MODESTO, 2008; COSTANTIN, 2011). Inicialmente, será feita uma pesquisa bibliográfica sobre as diversas práticas narrativas (PAIVA, 2008; BRUNER, 2002), bem como os papéis das narrativas no processo de construção de identidades (HALL, 2005; MAHER, 1996; MOITA LOPES, 2002; BAUMAN, 2005, dentre outros). Em seguida, a pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Paraná e, após aprovação serão feitas entrevistas com gravação em áudio, posteriormente, transcritas de forma literal. Os pressupostos teóricos que serão utilizados se baseiam na pesquisa qualitativa e interpretativa de análise (MARTINS e BICUDO, 1994; GONZÁLEZ REY, 2002; DENZIN e LINCOLN (2006) com foco nas subjetividades de cada entrevistada, sem ter a preocupação em obter generalizações e/ou números. Por fim, pretendo participar de eventos com publicação de artigo científico sobre o assunto, bem como elaborar um livro denominado *Menino veste azul, menina veste rosa: narrativas de mães de homossexuais*. Para preservar a identidade das mães entrevistadas serão utilizados pseudônimos. Considera-se que, por se tratar de um tema relevante, esta pesquisa poderá contribuir significativamente para futuros estudos, especialmente na área da Linguística Aplicada.

Palavras-chave: Mães de homossexuais. Narrativas de aceitação. Construção das identidades sociais.

ALÉM DO BASTIDOR: EXPERIÊNCIAS DE UM CLUBE DO LIVRO EM UNIÃO DA VITÓRIA

Kauane Eduarda Verissimo (UNESPAR-UV)

kauaneeduardaverissimo@gmail.com

Suellen Lorena de Fátima Custódio Klein (UNESPAR-UV)

suellenlorena@gmail.com

Fagner Kotowski Porfírio dos Santos (UNESPAR-UV)

lordfagner2@gmail.com

Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro (UNESPAR-UV)

fernando.cordeiro@ies.unespar.edu.br

Resumo: O *Clube de leitura*, como indica o nome, se propôs como uma oportunidade de leitura coletiva e discussão de textos literários de ficção, aberto à comunidade, apresentando-se como um projeto de extensão. O objetivo central foi possibilitar um espaço de desenvolvimento do letramento literário, bem como fomentar a troca de experiências e de leituras. O clube de leitura implicou, portanto, a construção conjunta de uma interpretação de textos literários previamente definidos. Para tanto, num primeiro momento, foram realizadas leituras sobre os círculos de leitura e experiências com clubes de leitura, envolvendo autores como Cosson (2021), Gamelas et al (2003), Barbeiro e Gamboa (2014), Duarte, Vieira e Neves (2021), Torre (2012). Num segundo, a escolha das obras a serem lidas, uma por mês, entre elas, *Uma ideia toda azul*, de Marina Colasanti; *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo; e *Verity*, de Colleen Hoover. Uma terceira etapa envolvia a divulgação e posterior reunião para organizar as ações e os próprios encontros de discussão. Por fim, a gravação de podcasts sobre os livros discutidos. De um modo geral, conclui-se que o projeto cumpriu seu objetivo de oferecer uma oportunidade de ampliar o repertório cultural, de estreitar laços sociais, de reforçar identidades e solidariedades por meio da leitura, criando um ambiente não formal de construção de interpretações, de debate franco e sadio, contribuindo para a formação integral dos envolvidos. Por outro lado, deve-se destacar que se alcance tenha sido bastante limitado.

Palavras-chave: Leitura. Círculo de Leitura. Interpretação. Discussão. Extensão.

A INSTAPOESIA E A LEITURA NO AMBIENTE DIGITAL

Karina Bueno (UNESPAR-UV)

karinabueno122@gmail.com

Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro (UNESPAR-UV)

fernando.cordeiro@ies.unespar.edu.br

Resumo: Esta pesquisa busca analisar a instapoesia como um fenômeno literário contemporâneo, entendendo-a como um dos novos gêneros digitais, visando compreender as relações entre sua produção e recepção. Além disso, procura-se observar seu papel na formação de novos leitores. Para tanto, adotamos uma metodologia mista, embasada em revisão bibliográfica, análise de comentários de leitores em posts do Instagram, buscando entender o que os leva a procurar esse tipo de texto, e entrevistas com os escritores Fagner Mera e Sabrine Cantele, a fim de compreender suas motivações de escrita. Também foram analisados quatro instapoemas desses autores. O estudo dialoga com autores como Santaella (2004), Guedes (2022), Silva (2020), entre outros, que discutem o conceito de leitor imersivo e os novos gêneros digitais, incluindo o instapoesia. Os resultados apontam que os leitores se identificam com os temas abordados nos instapoemas e que há uma relação significativa entre os processos de produção e recepção desses textos. Observa-se ainda que a instapoesia pode atuar como uma ferramenta na construção de leitores reflexivos e críticos. Desse modo, apontamos a instapoesia como um gênero importante na formação dos leitores contemporâneos, por ser considerada mais acessível, favorecer a identificação e aproximar a leitura do cotidiano dos sujeitos. Apesar disso, a instapoesia ainda é pouco valorizada pelas instituições escolares, que priorizam textos reconhecidos pelo cânone literário.

Palavras-chave: Instapoesia. Leitura. Digital.

INFLUÊNCIAS DA ORALIDADE NA ESCRITA DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DO CAMPO EM ANTONIO OLINTO (PR)

Gustavo Souza da Silva (UNESPAR-UV)

gustavosds307@gmail.com

Michele Schneiders (UNESPAR-UV)

schneidersmichele@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem como tema as influências da oralidade na escrita de estudantes de uma escola do campo localizada no município de Antonio Olinto, no interior do Paraná. A proposta parte da observação de que, em contextos rurais, os alunos frequentemente apresentam marcas da oralidade em suas produções escritas, resultado da forte presença da linguagem falada em seu cotidiano. O objetivo principal é analisar como essas marcas se manifestam nos textos de estudantes do ensino fundamental e verificar se há uma diminuição dessas influências ao longo da trajetória escolar, até o ensino médio. A pesquisa está fundamentada nos estudos de Ingedore Villaça Koch (1997) e Luiz Antônio Marcuschi (1995), que abordam as relações entre fala e escrita e apontam as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de transição entre os dois códigos linguísticos. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, com análise documental de textos já produzidos por alunos da escola em questão. A análise dos dados será realizada com base em categorias como repetições, ambiguidades referenciais, conectores típicos da fala e segmentações gráficas inadequadas, permitindo compreender como as características da oralidade aparecem nas produções escritas e se modificam ao longo da escolarização. Espera-se que os resultados contribuam para uma melhor compreensão das dificuldades enfrentadas por estudantes do campo na apropriação da escrita formal, promovendo reflexões sobre práticas pedagógicas mais sensíveis ao contexto sociolinguístico rural. A pesquisa busca ampliar as possibilidades de intervenção educativa a partir de uma visão mais profunda sobre a relação entre oralidade e escrita no ensino da língua portuguesa.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Linguagem.

YEONGHE (A VEGETARIANA, HAN KANG) E O ROMPIMENTO COM A TRADIÇÃO

Susan Marie Grudysz Szpunar (UNESPAR-UV)
suhszpunar@gmail.com

Resumo: O fenômeno da Hallyu (한류), onda coreana, promove a divulgação da cultura sul-coreana pelo mundo todo, influenciando o aumento do consumo de produções advindas desse país. O soft power coreano se apresenta influente nos meios do entretenimento, beleza, saúde, estilo de vida e inclusive na literatura. É inegável o fato que o projeto governamental de investimentos na produção cultural tem colhido frutos açucarados. No final do ano de 2024, a Coreia do Sul levou seu primeiro Nobel de literatura. Han Kang, a autora laureada com o prêmio, já havia recebido diversos outros, principalmente com a sua obra mais conhecida, *A Vegetariana*, um romance-novela que aborda temas como vegetarianismo, violência de gênero, “loucura” entre outros. O presente trabalho se fundamenta na análise bibliográfica de obras pertinentes e pretende apresentar o romance-novela, sua premissa e estrutura, tendo em vista o modo como é trazida a história da personagem principal, Kim Yeonghe. Para compreender a maneira como essa protagonista e suas ações foram tratadas no escrito, traremos uma discussão rápida em relação ao contexto histórico, social e cultural desse país oriental, nos debruçando mais precisamente no papel da filosofia confuciana na constituição da sociedade coreana, em específico na noção dos Três Guias Cardinais que, teoricamente, indica quais e como seriam as relações interpessoais possíveis no meio social. O questionamento central da pesquisa consiste em investigar se a protagonista representa um rompimento com a tradição patriarcal vigente e, por isso, sofre estigmatização social. Ao final, faremos uma reflexão sobre a importância dessa obra no cenário da literatura mundial e em como há, ainda, poucos trabalhos publicados em língua portuguesa que discorram sobre ela.

Palavras-chave: A Vegetariana. Confucionismo. Literatura sul-coreana.

**A PRESENÇA DE FABRÍCIO VIEIRA EM PAULO FRONTIN:
BANDOLEIRISMO E VIOLÊNCIA NO VALE DO IGUAÇU**

Jhonatan Janiszewski (UNESPAR-UV)
jhonatanjaniszewskii@gmail.com

Resumo: O presente trabalho busca elucidar a presença e a atuação do ex-coronel Fabrício Vieira no Vale do Iguaçu, especialmente no município de Paulo Frontin. A partir de fontes bibliográficas e literárias, a pesquisa analisa a construção histórica em torno de sua figura, evidenciando seu papel repressivo e violento, tanto durante a Guerra do Contestado (1912-1916) — período em que atuou como vaqueano governista — quanto nos anos posteriores ao conflito. Inicialmente, abordaremos sobre o território da região em questão, seguido de um breve panorama da Guerra do Contestado, com o intuito de oferecer uma contextualização histórico-espacial da pesquisa. Em seguida, partiremos para a construção histórica de Fabrício Vieira com o objetivo de compreender o caráter bandoleiro de sua atuação. Por fim, refletiremos sobre a inscrição póstuma presente em sua lápide, intitulado-o como “herói do contestado”, indagando como essa homenagem contradiz a sua conduta histórica. Tal contradição servirá de embasamento para pesquisas posteriores no campo da Análise do Discurso. Com esses pressupostos, pretende-se realizar algumas reflexões acerca do caráter violento de sua figura e das estratégias de legitimação histórica de personagens ideologicamente politizados.

Palavras Chave: Banditismo, História, Análise do Discurso.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: POSSIBILIDADES PARA O INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Soraya Cruz (UNESPAR-UV)
soraya.lima.c@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa investiga o uso das Histórias em Quadrinhos como ferramenta didática para o ensino de Língua Portuguesa, com foco no incentivo à leitura. Diante dos desafios impostos pela “Era Tecnológica”, em que os jovens tendem a preferir as mídias digitais, as HQs surgem como recurso atraente que envolve o uso de imagens e textos, promovendo diversão e engajamento. A pesquisa, de cunho bibliográfico, fundamenta-se em autores como Waldomiro Vergueiro, que destaca a importância dos quadrinhos no contexto educacional, e Isabel Solé, que entende a leitura como um processo de interação ativa entre leitor e texto. Além da fundamentação teórica, apresenta-se um relato de experiência em uma escola pública, na qual estudantes participaram de uma oficina que utilizou HQs para abordar a temática da sustentabilidade. A metodologia da oficina incluiu a apresentação de conceitos principais, produção de quadrinhos pelos alunos e organização de uma exposição escolar. Os resultados, tanto da oficina quanto das reflexões desta pesquisa, mostraram que as HQs despertam o interesse dos estudantes e contribuem para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas, confirmando seu potencial no ambiente escolar. Além de facilitar a compreensão textual, as HQs estimulam uma interação significativa entre leitor e texto, reforçando a importância de um planejamento pedagógico estratégico. Conclui-se que, quando utilizadas de forma consciente, as HQs tornam-se uma poderosa ferramenta para o ensino da literatura e para a promoção de uma prática prazerosa de leitura.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. HQs no ensino de Língua Portuguesa. Leitura. Recurso didático. Educação básica.

“TMJ, VDD, SQN E PPR”: UMA ANÁLISE SOBRE A LINGUAGEM DA INTERNET

Larissa Aparecida Caczorowsch (UNESPAR-UV)

larissa.caczorowsch123@gmail.com

Michele Schneiders (UNESPAR-UV)

schneidersmichele@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a influência da linguagem digital, especialmente as abreviações e siglas como “TMJ” (tamo junto), “VDD” (verdade), “SQN” (só que não) e “PPR” (papo reto), nas práticas comunicativas e na escrita formal dos jovens. A pesquisa parte do crescimento das redes sociais, com destaque para o Twitter (atualmente X), como ambiente que estimula uma linguagem rápida, prática e identitária. A fundamentação teórica se apoia nos estudos de Pimentel (2017) e Rodrigues et al. (2014), que discutem os conflitos entre norma padrão e linguagem digital, e como esses discursos revelam processos de resistência e adaptação. A metodologia adotada é qualitativa, exploratória e descritiva, com análise de postagens do Twitter e coleta de dados que evidenciam o uso dessas expressões. Os resultados esperados incluem a identificação das principais abreviações utilizadas pelos jovens, a compreensão de como elas afetam sua competência linguística e a reflexão sobre os desafios impostos ao ensino da norma padrão. O estudo busca contribuir para o debate sobre o impacto da linguagem da internet no processo de aprendizagem e nas práticas linguísticas contemporâneas.

Palavras-chave: Linguagem digital. Siglas. Jovens. Internet. Ensino da língua.

**A LITERATURA ENQUANTO REGISTRO: A OBRA “CHŁOPI”, DE
WŁADYSŁAW STANISŁAW REYMONT, COMO TESTEMUNHO DO ESPAÇO
GEOGRÁFICO**

Jessica Turkot (UNESPAR-UV)

turkotjessica8@gmail.com

Alcimara Aparecida Foetsch (UNESPAR-UV)

alcimara.foetsch@unespar.edu.br

Resumo: O romance épico Chłopi (Os Camponeses), do autor polonês Władysław Stanisław Reymont, publicado entre 1904 e 1909, é estruturado em quatro volumes, cada um nomeado conforme uma estação do ano. A obra apresenta um retrato profundo, lírico e realista do cotidiano camponês no final do século XIX. Ambientada na Polônia, na aldeia fictícia de Lipce, a narrativa acompanha especialmente a família Boryna ao longo de um ano agrícola, revelando os ritmos da vida rural em sua íntima relação com a terra. Publicado originalmente em polonês, o romance encontra-se disponível na Biblioteca polonesa da Unespar e revela aspectos sociais, culturais e ambientais, além de dramas familiares, relações amorosas e conflitos por herança, na mesma medida em que narra ambientes, descreve paisagens, apresenta lugares e descortina geografias dos espaços vividos, significando-os. A partir do referencial teórico da Geografia Literária, especialmente sob a ótica das “leituras do espaço e os espaços de leitura” conforme proposto por Cavalcante (2020), e amparados na afirmação de Mota (1961) de que obras literárias podem servir como fontes para o estudo de fatos e fenômenos geográficos, propomos refletir sobre a literatura como testemunho do espaço geográfico. Metodologicamente, a análise volta-se à observação dos elementos espaciais e temporais presentes no romance, buscando compreender de que modo o espaço vivido se manifesta e se inscreve no texto literário. Com isso, pretende-se fortalecer o diálogo entre Literatura e Geografia, evidenciando como a narrativa literária contribui para a construção de representações e significações do espaço.

Palavras-chave: Biblioteca polonesa da Unespar; Literatura; Geografia; Reymont.

**A CAPA COMO INTERFACE DE LEITURA: ANÁLISE PERIGRÁFICA DE
CAPAS DE LIVROS INFANTOJUVENIS NO ACERVO DA BIBLIOTECA
POLONESA DA UNESPAR**

Kaynan Gabriel Schorr (UNESPAR-UV)

kaynanschorr123@gmail.com

Alcimara Aparecida Foetsch (UNESPAR-UV)

alcimara.foetsch@unespar.edu.br

Resumo: A capa constitui, geralmente, o ponto inicial da experiência narrativa de um livro, configurando-se como o primeiro contato do leitor com a obra. Trata-se de um elemento paratextual editorial cuja composição tipográfica não faz parte do texto, mas faz parte do livro. Sua elaboração resulta de um processo colaborativo que envolve autor, editores, designers gráficos e profissionais da impressão. Nesse contexto, surge a perigrafia, ou seja, a descrição e delimitação dos elementos externos de uma obra escrita, que desempenha funções múltiplas: além de conferir proteção física ao livro, busca despertar o interesse do leitor e abrange a escolha do papel, tipo de encadernação, tipografia e layout. A análise das capas pode ser construída com base nas funções da linguagem na comunicação propostas por linguista Jakobson (1999), aplicáveis tanto ao título quanto aos elementos não verbais presentes na composição gráfica. Quando articuladas às categorias sugeridas por Brito (2021), essas funções permitem a leitura das capas em seis dimensões interpretativas: capas informativas (tipográficas; resumo do livro); função poética (pistas falsas, alegorias, partes da narrativa, sobrecapas); capas mudas; função expressiva (as versões e as coleções); função conotativa; e, metalinguagem (intertextualidade, frente e verso). Com base nesse referencial teórico, propõe-se a análise de capas de alguns livros infantojuvenis presentes no acervo da Biblioteca polonesa da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campus União da Vitória, com o objetivo de compreender como o título e a composição gráfica das capas podem ser interpretados a partir das dimensões mencionadas. Pretende-se, assim, demonstrar que as capas, além de cumprirem funções práticas de proteção, identificação e promoção editorial, integram um projeto artístico e estético que colabora ativamente para a construção de sentidos da obra literária.

Palavras-chave: Livros. Capa. Perigrafia. Biblioteca polonesa. Unespar.

DESAFIOS NA APRENDIZAGEM DE UMA SEGUNDA LÍNGUA EM FALANTES ADULTOS

Ana Paula Teixeira (UNESPAR-UV)

teixeiraanapaula527@gmail.com

Michele Schneiders (UNESPARUV)

schneidersmichele@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma análise crítica dos desafios enfrentados por adultos na aprendizagem de uma segunda língua (L2), considerando fatores cognitivos, afetivos, sociais e culturais. A escolha do tema se justifica pela crescente demanda por competências linguísticas em um mundo globalizado e pela necessidade de compreender as especificidades da aquisição linguística na vida adulta. O objetivo geral da pesquisa é analisar as dificuldades e estratégias envolvidas no processo de aquisição de L2 por falantes adultos, com destaque para a influência da idade, motivação, ansiedade, memória e interação social. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva. Serão utilizadas revisão bibliográfica, análise de estudos de caso e levantamento de dados secundários. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Krashen (Hipótese do Filtro Afetivo e Modelo Monitor), Ullman (Modelo Declarativo/Procedimental) e Vygotsky (Teoria Sociocultural), que oferecem perspectivas complementares sobre o papel do insumo linguístico, da memória e da mediação social na aquisição de línguas. A análise teórica e a discussão crítica pretendem identificar barreiras cognitivas, como a limitação da memória procedimental e a predominância da memória declarativa nos adultos; fatores afetivos, como ansiedade e motivação; e metodologias pedagógicas mais eficazes, com ênfase na comunicação significativa e no uso de insumos compreensíveis. Embora os dados empíricos sejam secundários, a pesquisa busca articular teoria e prática, oferecendo recomendações para o ensino de L2 a adultos em contextos formais e informais. Conclui-se que a aprendizagem de uma segunda língua na vida adulta é um processo multifacetado, que exige abordagens didáticas sensíveis às características cognitivas e afetivas dos aprendizes. Assim, o estudo pretende contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes, promovendo uma aprendizagem significativa em contextos diversos.

Palavras-chave: aquisição de segunda língua. aprendizagem de adultos. fatores afetivos. ensino de línguas. estratégias pedagógicas.

RESUMOS EXPANDIDOS

A DEFINIÇÃO E COMPREENSÃO DE LÍNGUA NO REFERENCIAL CURRICULAR DO PARANÁ: PRINCÍPIOS, DIREITOS E ORIENTAÇÕES

Jaine Pereira (UNESPAR-UV)
Jaine.Pereira.77@estudante.unespar.edu.br
Michele Schneiders (UNESPAR-UV)
michele.schneiders@unespar.edu.br

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa compreender a definição e a compreensão de língua presentes no Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações. A pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de investigar a concepção de língua adotada pelo documento, além de analisar se os campos de atuação do componente curricular estão de acordo com a concepção de língua indicada. A compreensão da concepção de língua adotada pelo documento contribui com o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Para isso, foram consideradas as perspectivas de três linguistas: Ferdinand de Saussure (1916), Noam Chomsky (1957) e William Labov (2008[1972]).

Primeiramente, Ferdinand de Saussure (1916), que estudou a língua como ciência, compreende que a língua é formada por elementos que funcionam a partir de um conjunto de regras, constituindo uma organização, um sistema, que define a língua como uma estrutura. Na obra *Curso de Linguística Geral*, organizada a partir de anotações feitas pelos seus alunos durante as aulas, Saussure apresenta o conceito de signo linguístico, composto por duas partes, o significante e o significado, também são apresentadas as dicotomias de *Langue* e *Parole*, respectivamente a língua considerada como uma parte social da linguagem, além de ser considerada homogênea, enquanto a fala era vista como individual, no entanto, os estudos do linguista não se preocupavam com os fatores extralinguísticos, deixando de lado qualquer relação externa à língua.

Em segundo lugar, as contribuições de Noam Chomsky (1957), a corrente denominada Gerativismo, que defendia a língua como um sistema de sentenças, Chomsky entende que todo falante age de forma criativa e, para o autor, a capacidade de compreendermos uma língua é devido ao dispositivo inato, uma capacidade genética e interna ao organismo, denominado de faculdade da linguagem, utilizando regras universais para formar e compreender estruturas linguísticas complexas. Assim como Saussure, Chomsky deixa de lado os fatores externos, preocupando-se somente com aspectos internos do sistema linguístico.

Por fim, o norte-americano William Labov (2008) dedicou-se aos estudos da sociolinguística, que possui uma relação com a antropologia e a sociologia, onde a língua era vista como manifestação social, investigando a interação entre o uso da língua e sociedade, levando em consideração todos os aspectos externos à língua.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia do tipo qualitativa que buscou esclarecer qual a definição e compreensão de língua no Referencial Curricular do Paraná, analisando o documento a partir do componente curricular de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental. Além do próprio documento, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica com artigos, visando esclarecer a temática de compreensão e definição de língua.

O Referencial Curricular foi desenvolvido a partir da Base Nacional Comum Curricular, que é um dos documentos mais importantes na educação brasileira. O Referencial Curricular buscou abranger as especificidades do estado, levando em conta todo seu contexto histórico e social, mas sem excluir nenhuma das habilidades da BNCC. O documento aborda importantes orientações, direitos e princípios que devem ser seguidos na elaboração de documentos de todas as escolas do estado e dá destaque aos direitos de aprendizagem de língua portuguesa para o ensino fundamental, considerando os direitos de aprendizagem apresentados na BNCC, como os seguintes:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social. [...]
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos (BRASIL, 2018, p. 534).

Os direitos de aprendizagem destacados acima são fundamentais para que os estudantes compreendam a função da língua, tanto na escrita como na oralidade, além de deixar claro o fenômeno da variação linguística, que por muitas vezes acaba tornando-se alvo de preconceito linguístico. Labov (2008, p. 153) postula “que o sistema linguístico é heterogêneo e a variação é uma propriedade regular e inerente ao sistema”, defendendo a ideia de que todas as variedades linguísticas podem adequar-se a determinadas situações comunicativas.

O componente curricular analisado é dividido em campos de atuação, como Campo Jornalístico/Midiático, o qual tem objetivo de ampliar e qualificar a participação dos adolescentes nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, a fim de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos, propiciando interesse sobre os fatos que acontecem ao seu redor e pelo mundo, além de desenvolver a autonomia e o pensamento crítico do aluno.

O campo Artístico-Literário possibilita aos adolescentes o contato com as manifestações artísticas e literárias, desse modo, oferecendo condições que auxiliam na interpretação, apreciação e produção de diferentes gêneros literários; O Campo de atuação na Vida Pública pretende qualificar a participação dos estudantes em práticas de debate de ideias e atuação política e social, além do desenvolvimento de habilidades de leitura, escuta e produção de textos que estejam relacionados e sejam reconhecidos com sua função social e seus elementos linguísticos, como reportagem, artigo de opinião, cartaz, debates, dentre outros.

O Campo das Práticas de Estudo e Pesquisa trata de ampliar e qualificar a participação dos jovens em práticas de pesquisa e divulgação científica, envolvendo apresentações orais, palestras, debates, artigos científicos, relatórios, além de aprender os procedimentos de investigação e pesquisa ao longo dos anos. A importância desses processos na aprendizagem, dar-se-á pela finalidade de entender a forma, estrutura e o conteúdo para utilizar quando for necessário. Ademais, são apresentadas as Práticas de linguagem, como leitura/escuta, produção de textos, oralidade, análise linguística e semiótica. A partir dessas são direcionados os objetos de conhecimento e objetivos de aprendizagem que, mais detalhadas e específicas.

Ao assumir a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem que está presente no documento, reforça-se a ideia de que o processo de apropriação da linguagem só

compreendido a partir das interações sociais mediada por práticas discursivas, de forma que sempre deve relacionar os textos a seus contextos de produção, e com gêneros discursivos a partir de situações do mundo real.

O campo de atuação da vida pública promove interações sociais por meio da leitura e escrita de temas relevantes à sociedade, contribuindo para a aprendizagem da língua portuguesa e desenvolvimento dos estudantes. Nesse sentido, é inegável que a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas e os estudantes estão inseridos nessa cultura, não somente como consumidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do trabalho, foi possível compreender a importância do documento que norteia a educação do estado, ao compreender a língua como interação social, e que os alunos devem aprendê-la a partir de contextos reais de comunicação. Os campos de atuação que enfatizam isso, são os campos da Vida Pública e o Jornalístico/Midiático.

Diante das análises, pode-se perceber que a concepção de língua predominante no documento, é a concepção Sociolinguística, teoria defendida por Labov (2008), que compreende a língua como manifestação e interação social, levando em consideração os aspectos extralinguísticos. Desse modo, podem ser reforçadas atividades e práticas sociais presentes no documento oficial que visam o domínio da língua portuguesa a partir da interação social.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- COELHO, I.L. *et. al.* **Sociolinguística**. Florianópolis; UFSC, 2012.
- CHOMSKY, Noam. **Estruturas Sintáticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. [1957]
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.[1972]
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. Curitiba: SEED/PR, 2018.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021. [1916]

ALÉM DO BASTIDOR: EXPERIÊNCIAS DE UM CLUBE DO LIVRO EM UNIÃO DA VITÓRIA

Kauane Eduarda Verissimo (UNESPAR-UV)

kauaneeduardaverissimo@gmail.com

Suellen Lorena de Fátima Custódio Klein (UNESPAR-UV)

suellenlorena@gmail.com

Fagner Kotowski Porfirio dos Santos (UNESPAR-UV)

lordfagner2@gmail.com

Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro (UNESPAR-UV)

fernando.cordeiro@ies.unespar.edu.br

INTRODUÇÃO

“Além do bastidor” é o título de um dos contos que integram *Uma ideia toda azul* (1978), de Marina Colasanti. Essa história narra sobre como uma menina borda um cenário e passa a sentir o desejo de habitá-lo, isto é, de experimentar a realidade que cria em seu bordado. Coloca em foco e em questão, portanto, os limites entre representação e realidade, entre o ficcional e o real. O bastidor, aqui, tem, ao menos, uma significação dupla: é a “estrutura em que se estica e prende a tela de um quadro” (Priberam, 2025), mas também aquilo que fica oculto ao público, a oficina em que se cria. No texto de Colasanti, ir além do bastidor quer dizer tanto ultrapassar a tela para dentro da paisagem bordada, deixando o real para adentrar o ficcional, quanto a possibilidade metalinguística de discutir a relação entre esses dois conceitos.

Ao retomarmos esse título neste trabalho também pensamos num alcance duplo, embora muito mais modesto. Propomos aqui uma reflexão sobre um “Clube do livro” promovido como projeto de extensão ligado ao Colegiado de Letras Português-Espanhol do campus de União da Vitória da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Para tanto, procuraremos, por um lado, explicar os bastidores do projeto e, por outro, argumentaremos que seu desenvolvimento contribuiu para uma aproximação entre ficção e realidade homóloga à da criação artística (do bordado, da escrita), pois ler é também ligar os fios, dar vida às letras, atualizá-las.

Acreditamos que essa abordagem, talvez, mostre algumas das alegrias compartilhadas e das dificuldades de realização do projeto, podendo colaborar para a construção de estratégias para o estabelecimento de atividades desse tipo. Tendo em vista essas coordenadas, este resumo apresentará, em “Desenvolvimento”, informações sobre

o projeto, destacando a metodologia e alguns resultados. Nas “Considerações finais” buscaremos aliar esses dados com uma reflexão sobre a importância do projeto para os participantes.

DESENVOLVIMENTO

O projeto “Clube de leitura”, como indica o nome, se propôs como uma oportunidade de leitura coletiva e discussão de textos literários ficcionais aberto à comunidade, apresentando-se como um projeto de extensão. Foi realizado entre 25 de março de 2024 e 25 de março de 2025, estando vinculado, primordialmente, com as disciplinas “Projetos de extensão em Letras I” e “Projetos de extensão em Letras III”. Cerca de 16 alunos do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol estiveram efetivamente envolvidos nas ações extensionistas. O objetivo central do projeto foi possibilitar um espaço de desenvolvimento do letramento literário, bem como fomentar a troca de experiências e de leituras, implicando a construção conjunta de interpretações e de discussões, favorecendo a sociabilidade e solidariedade entre os participantes.

Levando em consideração esses objetivos, o projeto foi desenvolvido de modo a articular uma série de atividades desenvolvidas pelos proponentes de modo a viabilizar a parte central: o encontro para a discussão dos textos. Estabeleceu-se, desde o início, que os encontros seriam *online* e se realizariam aos sábados às 14h. A opção pela mediação tecnológica visava possibilitar que mais pessoas tivessem acesso aos encontros. Em termos metodológicos, poderíamos dividir aquelas atividades em 3 grupos: as preparatórias, as de divulgação e as de expansão. A elas, evidentemente, somam-se os encontros em si.

As ações preparatórias incluíam: (i.) a leitura do livro escolhido para o encontro e (ii.) as reuniões de desenvolvimento de estratégias para instigar o debate (pois os promotores deveriam ser, principalmente, mediadores das discussões). Para essas atividades, recorreremos à noção de “círculo de leitura” (Cosson, 2021, p. 9) como fundamentação, na medida em que aborda os círculos como “[...] uma prática de leitura compartilhada na qual os leitores discutem e constroem conjuntamente uma interpretação do texto lido”. A princípio, a leitura era sucedida por uma reunião prévia orientada por uma conversa “estruturada”, isto é, calcada em funções específicas pré-definidas, visando

abrir espaço para estratégias para instigar os participantes dos encontros. Aos poucos, essas reuniões foram se tornando mais livres.

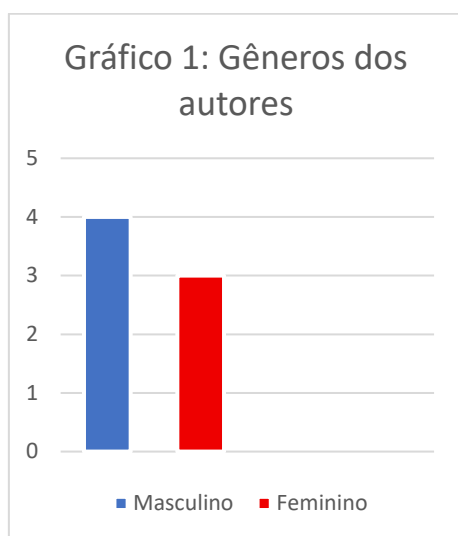
A divulgação constituía uma parte importante do projeto, pois visava engajar participantes, convidando-os e instigando-os a comparecerem aos encontros. Ela foi realizada, primordialmente, pelas redes sociais, em especial o Instagram a partir da conta @clubedolivrouv. Dessa forma, os participantes se encarregavam de produzir uma série de postagens de divulgação, incluindo: i. o nome do livro a ser discutido, a data e o link para a sala do Meet; ii. informações sobre o(a) autor(a); iii. informações sobre o livro; iv. curiosidades sobre a obra e/ou autor(a); v. por que ler esse livro? vi. o que se escreveu sobre o livro? vii. seleção de trechos de entrevistas do(a) autor(a); viii. interações com pessoas lendo o livro; ix. lembrete da data, horário, link; x. *reel* relacionado ao livro; xi. indicação de que o encontro seria no dia seguinte; xii. registro do encontro. Desse modo, produziram-se materiais a partir de plataformas como Canva e CapCut, contribuindo para o desenvolvimento de multiletramentos dos proponentes.

O último grupo de atividades diz respeito à expansão. Como meio de favorecer que a discussão atingisse mais pessoas e também como uma forma de registro das ações do Clube, foi proposto que os encontros engendrassem episódios de podcast. Desse modo, após os encontros e levando em consideração os tópicos neles discutidos, foram criados roteiros que deram origem à gravação de episódios que, depois de editados, foram publicados no Spotify na conta PodLetras, já existente e vinculada ao projeto de extensão “Luz, câmera, discussão”.

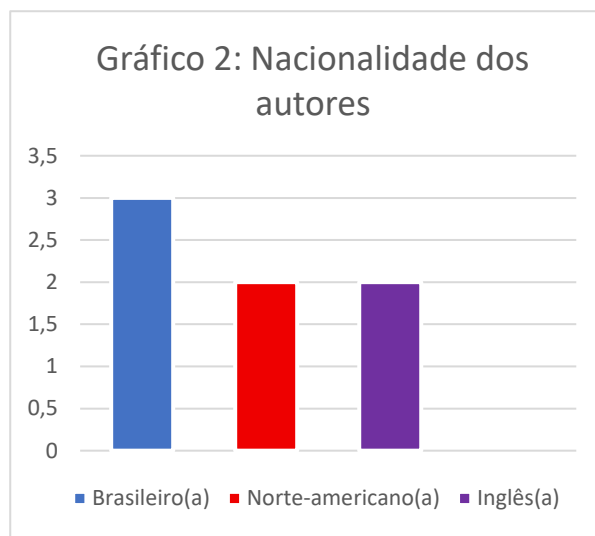
Em termos metodológicos, há que se destacar ainda a divisão da equipe do projeto em dois grupos, de modo em que cada mês uma delas ficasse responsável por organizar o encontro (preparação, divulgação, expansão). A ideia era que essa organização possibilitasse tempo para leitura e preparação das atividades, sem sobrecarregar os participantes. Além disso, como houve sempre uma equipe relativamente grande (cerca de 10 proponentes), poderia levar à presença de um número excessivo de proponentes participando dos encontros. Entendia-se que um número alto de participantes poderia não permitir que todos compartilhassem suas leituras e participassem efetivamente das discussões.

Ao todo, realizaram-se sete encontros, envolvendo as seguintes obras, escolhidas pelos grupos: *Uma ideia toda azul* (1979), de Marina Colasanti; *Noite na taverna* (1855),

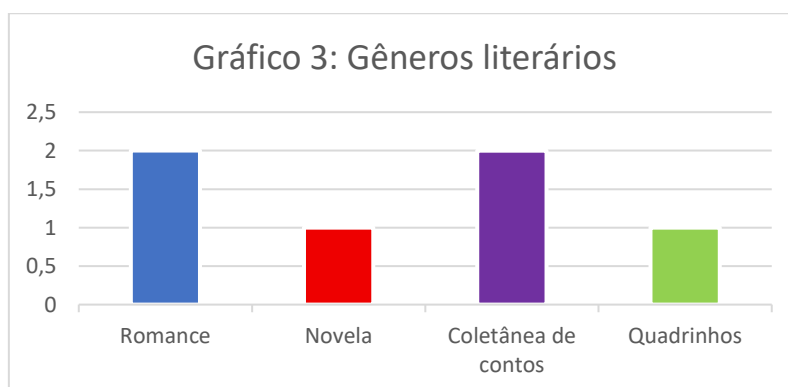
de Álvares de Azevedo; *Verity* (2018), de Colleen Hoover; *Coraline* (2002), de Neil Gaiman; *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo, e *The wicked + the divine* (2014), de Kieron Gillen e Jamie Mckelvie. Os encontros foram promovidos, respectivamente, nos meses de julho, agosto, setembro, outubro, novembro e fevereiro, sempre um ao mês, geralmente no primeiro sábado disponível, às 14h, de forma *online*. Acreditamos que as obras escolhidas, por um lado, representaram interesses dos participantes e, por outro, favoreceram certa diversidade:



Fonte: Os autores (2025)



Fonte: Os autores (2025)



Fonte: Os autores (2025)

Os gráficos acima revelam como o projeto abordou obras de autores e autoras de maneira equilibrada, bem como indica interesse tanto em literatura nacional como em estrangeira. Chama a atenção que, entre os estrangeiros escolhidos, todos são de língua inglesa, particularmente porque os participantes se vinculam ao curso de Letras

Português-Espanhol. Nesse sentido, talvez, indicie justamente a ideia da leitura por prazer, escapando das obrigações relacionadas às disciplinas da licenciatura. Em termos de gêneros textuais, parece ter ocorrido uma preferência por romances e coletâneas de contos, mas revelando a abertura para a leitura de quadrinhos. A proposição do Clube era que, a princípio, se restringissem os livros escolhidos à textos narrativos. Em termos temáticos, nota-se também bastante variedade, indo de textos (ultra)realistas, como alguns contos de Conceição Evaristo, a textos mais marcadamente simbólicos, como certas narrativas de Marina Colasanti, chegando a obras mais fantasiosas, como as de Neil Gaiman e de Kieron Gillen e Jamie Mckelvie.

As discussões resultaram também na produção de 4 episódios de podcast, os referentes aos encontros sobre *Uma ideia toda azul*, *Verity*, *Coraline* e *Olhos d'água*. A realização dos podcasts dependeu, por um lado, da disponibilidade dos participantes e, por outro, do modo como os textos tocaram os participantes, favorecendo o desejo de conversar mais sobre eles. Todas as discussões estão disponíveis na conta do PodLetras, podendo ser acessada a partir do link:

<https://open.spotify.com/show/3VksaNYAVUifPCasDqv826?si=d7b7f519713641b1>.

Esses dois aspectos, a leitura das obras e a vontade de compartilhar, de conversar, de querer conhecer outras formas de ler os textos ou outras visões sobre eles, indicam que o projeto atingiu alguns de seus objetivos, particularmente o de representar uma pausa em meio à rotina corrida, um tempo só nosso com a leitura, de textos variados, escolhidos de modo democrático. A experiência de mediação dos encontros também possibilitou que os licenciandos desenvolvessem estratégias didática para instigar o debate e promover a leitura. Mais do que isso, levou os participantes a se interessarem por novos autores e suas histórias, trocando ideias, risadas, emoções, pontos de vista, compartilhando experiências. Infelizmente, contudo, seu alcance foi bastante limitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, conclui-se que o projeto cumpriu seu objetivo de oferecer uma oportunidade de ampliar o repertório cultural, de estreitar laços sociais, de reforçar identidades e solidariedades por meio da leitura, criando um ambiente não formal de construção de interpretações, de debate franco e sadio, contribuindo para a formação

integral dos envolvidos. Por outro lado, deve-se destacar que seu alcance tenha sido bastante limitado.

Retornando à referência ao texto de Colasanti com que começamos, entendemos que a leitura favorece que reconheçamos e que criemos representações de nossas próprias vidas, sendo estas tocadas constantemente por ficções, isto é, por imagens pelas quais recriamos o mundo para compreendê-lo. Por isso, sugerimos: procure, crie, participe de um Clube do livro e desfrute.

REFERÊNCIAS

COLASANTI, Marina. **Uma ideia toda azul**. 23 ed. São Paulo: Global, 2006.
COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na escola**. São Paulo: Contexto, 2021.
PRIBERAM, Dicionário da Língua Portuguesa. **Bastidor**. 2025. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/bastidor>. Acesso em 26 jul. 2025.

A INSTAPOESIA E A LEITURA NO AMBIENTE DIGITAL

Karina Bueno (Unespar-UV)

karinabueno122@gmail.com

Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro (Unespar-UV)

fernando.cordeiro@ies.unespar.edu.br

INTRODUÇÃO

Com a expansão das tecnologias modernas, novas práticas de leitura e escrita vêm emergindo através dos novos gêneros digitais. Dentre tais gêneros, destaca-se a instapoesia, que tem contribuído significativamente com as novas práticas de letramento. Este trabalho pretende compreender a influência dessa poesia na formação de novos leitores, objetivando analisar a relação entre a sua produção e recepção. Para tanto, propõe-se a examinar alguns instapoemas, investigar motivações de leitura e escrita e discutir sua relevância na formação de novos leitores.

O estudo insere-se na área dos estudos literários contemporâneos e das práticas de leitura em ambientes digitais, justificando-se, justamente, por dialogar diretamente com a formação de novos leitores, na medida em que a instapoesia se destaca pela possibilidade de contribuir para formar sujeitos mais críticos, reflexivos e imersivos.

Além disso, esse gênero é amplamente difundido na sociedade, especialmente frente ao público jovem, que constitui a maior parte da comunidade escolar. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de repensar as concepções tradicionais de leitura e literatura, reconhecendo o potencial desses textos como ferramentas pedagógica, formativas do leitor atual, e democratizadores do acesso à poesia.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do trabalho, inicialmente, buscou por bibliografia, que embasou a abordagem do tema, ajudando-nos a compreender melhor esse gênero, a importância da instapoesia no meio social e sua propagação social. Analisamos comentários das *postagens* dessas poesias, buscando averiguar o que move as pessoas a mergulharem nessas leituras e o que pensam após ler esses textos. Em setembro de 2024,

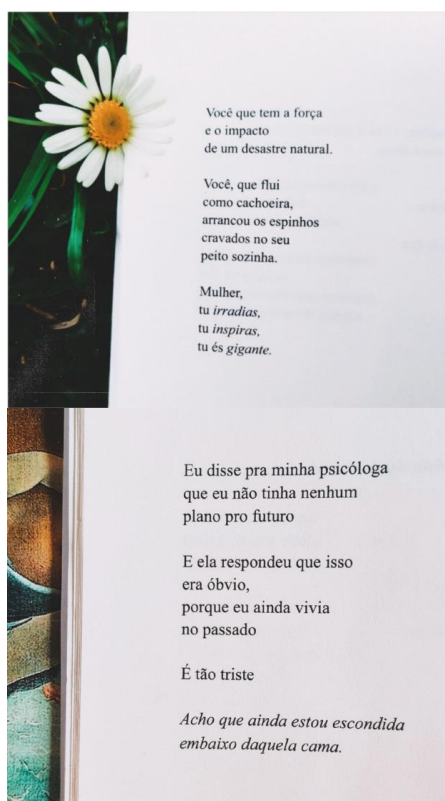
realizamos entrevistas com os poetas Sabine Cantelle e Fagner Mera, objetivando entender suas motivações de escrita e observar se elas estabeleciam relação com as motivações de leitura inferidas a partir da análise dos comentários de seus leitores. Além disso, examinamos quatro instapoemas dos autores entrevistados, procurando observar o funcionamento e as principais características desta forma literária.

Para o desenvolvimento deste estudo, levamos em consideração a concepção de “leitor imersivo”, caracterizado por Santaella (2004) como o sujeito que tem primordialmente seu contato com a leitura através das telas e não do papel impresso. Para a estudiosa brasileira, a leitura nos meios digitais, regida pela hipermídia, implica a organização de uma nova sensibilidade, uma vez que o leitor se torna um navegador “num universo de signos evanescentes [...] conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir” (Santaella, 2004, p. 33).

Segundo Silva (2020), Rupi Kaur (@rupikaur_), uma poeta nascida na Índia e radicada no Canadá, foi a responsável pela propagação do termo instapoesia, apesar de que a denominação foi dada pelos próprios leitores. Guedes (2022, p. 27), diz que ela “é a poesia nascida e reconhecida a partir do Instagram”. Essa rede social foi lançada em 2010 e se tornou uma das mais populares do mundo. De acordo com Penke (2022, p. 252), “o Instagram é antes de mais nada um mundo de imagem”, estabelecendo um mesmo padrão de disposição de “fotografias quadradas [que] faz com que tudo o que é desconhecido apareça de forma familiar” (p. 256). Tal disposição, argumenta Penke, determina uma das características fundamentais da instapoesia, a brevidade, pois, por um lado, o texto se submete ao espaço disponível na postagem e às condições de legibilidade e, por outro, à dinâmica de “disputa por atenção” (p. 258) enquanto seus possíveis leitores rolam a página (o *feed*).

Abaixo trazemos os instapoemas analisados no decorrer da pesquisa:

Figura 01: Você que tem a força

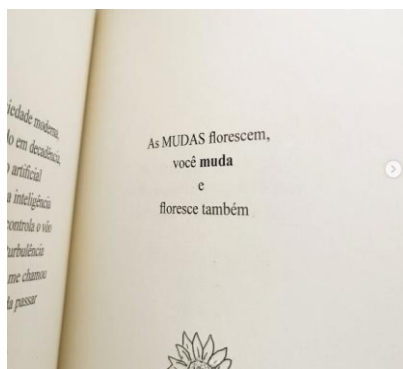


Fonte: Cantelle (2024).

Figura 02: Eu disse para minha psicóloga

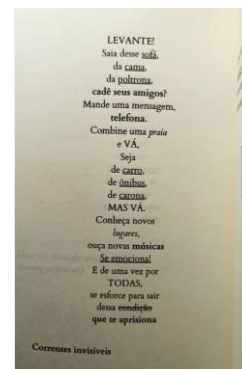
Fonte: Cantelle (2024).

Figura 03: As MUDAS florescem



Fonte: Mera (2024).

Figura 04: Correntes Invisíveis



Fonte: Mera (2024).

Percebe-se que os poemas são escritos com uma linguagem acessível, sem muitos rebuscamentos, acompanhados de elementos visuais, que são responsáveis por complementar a escrita e construir novos sentidos. Eventualmente, os textos apresentam sons, com responsabilidades semelhantes às das imagens, aumentando a imersão textual.

Observam-se, frequentemente, o uso de metáforas que aumentam as possibilidades de interpretações. Além disso, os autores devem atentar-se ao estilo das letras, a sua fonte, ao que pretende dar mais ênfase durante a leitura, tudo para que haja maior identificação do leitor com o texto lido, capturando a sua atenção num ambiente regido pela busca de curtidas, compartilhamentos etc.

Os temas, normalmente, trazem uma carga emocional (mesmo confessional), falam sobre autoestima, ansiedade, resiliência, renovação, identificação e superação de problemas, retratando o ser humano em suas diversas faces e anseios. Nesse viés, trazem temáticas semelhantes ao romance, que surge no séc. XIX representando o sujeito vivendo seus dramas e problemas de forma individual e, muitas vezes, perdido, fugindo à percepção do ser humano como um herói extraordinário e valente (próprio da epopeia). Em meio a tantas publicações no Instagram, retratando uma vida idealizada, as instapoesias vêm quebrando tabus e representando a realidade da vida contemporânea, mostrando que nem tudo precisa ser competição e que cada pessoa está sempre enfrentando seus próprios conflitos internos, os quais precisam ser identificados e superados. Nesse sentido, embora submetida à "economia dos likes" de sua rede social, a instapoesia pode, talvez, desafiar o regime da visibilidade para o outro, isto é, das “construções de si orientadas para o olhar alheio” (Sibilia, 2008, p. 23), em favor de certa introspecção.

Em entrevista, Fagner Mera e Sabrine Cantelle afirmam escrever sobre esses temas como forma para fazer as pessoas refletirem. Cantelle diz ainda que, mesmo envergonhada no início de sua carreira, passou a postar suas escritas frequentemente quando percebeu que seus textos, além de serem uma terapia para ela, ajudavam outras pessoas a se curarem. Os seus textos são esperança, esperança de que tudo melhore.

Os comentários analisados demonstram sentimentos de conforto, identificação e agradecimento aos autores por compartilharem seus textos. Além disso, essas interações permitem que os leitores discutam sobre o que leem e sobre como interpretaram o texto, possibilitando a construção de novos sentidos.

Comentários pedindo por novos livros físicos ou perguntando aos autores onde encontrar esses livros são visualizados com frequência, o que quebra os paradigmas de que a leitura de livros físicos desaparecerá. Em entrevista para Silva (2020), Anhorn diz que o que acontecerá – e já acontece – é o surgimento de “poesias híbridas”, ou seja, em

seus diversos formatos, configurando o que se vem chamando de “convergência midiática”.

Apesar do ensino não ter sido o foco central da pesquisa, não poderíamos deixar de apontar que o principal público leitor de instapoemas é composto pelos jovens, que constituem a grande parte da comunidade escolar. Fernanda Guedes (2022) aponta, entretanto, que esse novo gênero é pouco valorizado nas escolas, devido à resistência de alguns professores em ampliar sua visão para além dos textos canônicos. Nesse sentido, destacamos a urgência em renovar as práticas de leitura e escrita e enfatizamos a instapoesia como um gênero de grande potencialidade formativa. Não se trata de substituir ou cancelar os textos canônicos, mas de valorizar outros que têm capacidade de conquistar os alunos para que possam também se apropriar dos autores consagrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o explicitado, gostaríamos de concluir reafirmando que a instapoesia não só democratiza a leitura como possibilita que qualquer pessoa com acesso à internet publique seus próprios textos. Como tal, promove uma saudável desierarquização da literatura, favorecendo que diferentes expressões, culturas e subjetividades tomem forma nas redes sociais.

A abordagem crítica desse gênero, acreditamos, pode ser uma ferramenta para formar leitores que sintam prazer em ler, que sejam reflexivos, capazes de pensar suas situações particulares e questões sociais, como, por exemplo, o aumento dos índices de depressão e ansiedade gerados pela busca de um corpo perfeito ou de uma vida perfeita disseminada nas redes sociais.

Além disso, as instapoesias mostram que a poesia não perdeu seu espaço, apenas mudou de local, encontrou novos suportes para existir. A partir de Todorov (2020), Guedes (2022) argumenta que é um problema que a sociedade não perceba que se a leitura (digital) sumisse é muito provável que em pouco tempo a leitura literária estivesse condenada à extinção. Agora imaginemos o quanto perderíamos de imaginação, criticidade e criatividade caso isso acontecesse? Ignorar ou não valorizar a literatura/leitura digital é esnobar a expressão de uma geração que lê, sente e transforma o mundo. Aliás, a nossa nova geração, é nela que a literatura deve continuar viva.

REFERÊNCIAS

- CANTELE, Sabrine. **Você que tem a força.** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGdbZ79uFVg/?igsh=MWxxM3cydWJtZGw2aQ==>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- CANTELE, Sabrine. **Eu disse pra minha psicóloga.** Disponível em: https://www.instagram.com/p/C7oxjCroW_c/?igsh=bmxncTRiYnhpMnls. Acesso em: 03 mar. 2025.
- GUEDES, Fernanda. P. **Literatura e instagram: Uma nova forma de incentivo à leitura.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2022. Disponível em https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25717?locale=pt_BR. Acesso em: 5 mar. 2025.
- MERA, F. **Correntes invisíveis.** Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DBtT-gOOOxq/?igsh=MXZ6emtrMjZxaWNtdA==>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- MERA, Fagner. **As MUDAS florescem.** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DBqt0PTuxeL/?igsh=OGRyOHo0bDcwd25r>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- PENKE, Niels. #Instapoetry. Poesia popular no Instagram e seus affordances. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, v. 24, n. 46, p. 250-273, jan./abr., 2022. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/730>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, J. F. **Do feed do instagram às páginas dos livros: A Instapoesia e a busca pela durabilidade nos meios digital e impresso.** 2020 Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Santo Amaro, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://dspace.unisa.br/items/c6547c17-de93-4a39-9937-f5148e1af1f9>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- TODOROV, T. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: Difel, 2020.

A LITERATURA ENQUANTO REGISTRO: A OBRA “CHŁOPI”, DE WŁADYSŁAW STANISŁAW REYMONT, COMO TESTEMUNHO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Alcimara Aparecida Foetsch (UNESPAR-UV)

alcimara.foetsch@unespar.edu.br

Jessica Turkot (UNESPAR – PIBEX/FA)

turkotjessica8@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo central evidenciar o potencial das narrativas literárias como instrumentos de registro e interpretação do espaço geográfico. Para tanto, propomos uma reflexão sobre a estreita relação entre Literatura e Geografia, destacando como o discurso literário pode revelar dimensões naturais, sociais, econômicas e culturais dos lugares. Tomamos como objeto de análise o romance épico *Chłopi* (*Os Camponeses*), do autor polonês Władysław Stanisław Reymont, publicado entre 1904 e 1909 em quatro volumes, cada um nomeado segundo uma estação do ano.

Ambientada na aldeia fictícia de Lipce, na Polônia, a obra oferece um retrato lírico, detalhado e realista do cotidiano camponês no final do século XIX, acompanhando especialmente a família *Boryna* ao longo de um ano agrícola. Por meio de descrições minuciosas do ambiente natural e das práticas sociais e culturais da comunidade rural, *Chłopi* exemplifica como a Literatura pode funcionar como testemunho e representação do espaço vivido. A análise fundamenta-se nos pressupostos da Geografia Literária, particularmente na perspectiva das “leituras do espaço e dos espaços de leitura”, conforme proposto por Cavalcante (2020). A Geografia Literária pode, ainda, dedicar-se à investigação das geografias representadas na Literatura, reconhecendo as obras em sua dimensão ficcional, mas valorizando seu papel expressivo na compreensão da experiência humana no mundo. Através da narrativa, paisagens ganham densidade e os lugares são destacados, ampliando as possibilidades de reflexão e ressignificação dos conceitos geográficos. Ao mesmo tempo, as vivências espaciais das personagens revelam múltiplas geograficidades, evidenciando a diversidade de modos de habitar e compreender o mundo.

Além disso, apoia-se na concepção de Mota (1961), que reconhece a Literatura como fonte legítima para o estudo de fatos e fenômenos geográficos, tanto em seus aspectos antropológicos quanto naturais. Nesse contexto, a obra de Reymont é abordada como um dispositivo narrativo que contribui para a construção de significados geográficos e para a compreensão da espacialidade nas experiências humanas.

A LITERATURA COMO LEITURA GEOGRÁFICA

A obra selecionada para exemplificar o debate proposto está disponível na Biblioteca polonesa da Unespar e foi escolhida em virtude de sua capacidade de articular, de forma abrangente e detalhada, dimensões centrais do cotidiano camponês polonês do século XIX, englobando aspectos sociais, culturais, econômicos e agrários, bem como as relações intrínsecas com o território e as práticas agrícolas tradicionais.

Através de traduções livres e da análise crítica de resenhas produzidas por leitores, identificou-se que os quatro volumes da obra incorporam elementos fundamentais para o entendimento das dinâmicas espaciais e temporais, conforme indicadas por Cavalcante (2020), que destaca, em sua reflexão teórica, a potencialidade da Literatura como veículo epistemológico capaz demonstrar as interações entre espaço, tempo e cultura, evidenciadas por meio de narrativas que transcendem a mera ficção e configuram representações simbólicas que podem estar presentes nas realidades históricas retratadas.

Tomando como foco a obra *Chłopi (Os Camponeses)*, em seus quatro livros intitulados Outono, Inverno, Primavera e Verão, que possuem uma estruturação cíclica, que a torna possível observar como os aspectos físicos e naturais se entrelaçam às dinâmicas sociais da aldeia fictícia de *Lipce*, revelando uma espacialidade marcada pela interação entre os ciclos naturais e a organização da vida coletiva, reforçando a ideia de um espaço constantemente construído e ressignificado pelas experiências cotidianas. Nesse contexto, a comunidade emerge como um personagem fundamental na constituição do espaço vivido, pois é a partir dela que se estabelecem os conflitos, as tradições e os modos de narrar a realidade. A Geografia Literária pode, enfim, constituir uma Geografia da Leitura, na qual as espacialidades e geografidades do leitor são evidenciadas a partir do modo como se organizam e funcionam os espaços narrados (Cavalcante, 2020). Esses espaços configuram-se como lugares conformados afetiva e politicamente por meio da discussão de temas relevantes, da realização de práticas interpretativas diversas e da

construção de sentidos de mundo. Trata-se de uma geografia da escrita e da leitura na fundação e ressignificação do espaço vivido e das paisagens presentes, sobretudo para aqueles que encontram na Literatura uma das poucas possibilidades de acessar, reinterpretar ou imaginar outras formas de existência.

Os Camponeses, em original no polonês *Chłopi*, de Władysław Stanisław Reymont (1867-1925), foi escrito durante os anos de 1904 e 1909. Obra que possibilitou o Prêmio Nobel de Literatura para o autor em 1924, é uma tetralogia romântica, separada em quatro volumes que carregam o nome das estações do ano. Toda a narrativa se desenvolve em sintonia com o ciclo da natureza. Possui três personagens principais: Maciej Boryna, que é um camponês rico e viúvo da aldeia de *Lipce*; seu personagem é uma pessoa respeitada e obstinada. Antek Boryna, filho de Maciej, um jovem e impulsivo, que almeja autonomia e se revolta com o pai. Jagna Paczesiówna, uma bela jovem mulher que se torna a figura central do conflito ao se casar com Maciej Boryna, considerando que sua beleza a fazia ser desejada por muitos, incluindo Antek. A comunidade camponesa é um organismo coletivo na história, possui regras e preza por honra, reputação e tradições que são fundamentais a serem seguidas.

O primeiro volume, denominado como “Outono”, é a introdução à dimensão camponesa da aldeia de *Lipce*. Carrega um grande realismo e lirismo à vida do campo que ocorre naquele espaço. Durante essa estação ocorre o fim do ciclo agrícola e período de muito trabalho, destaca as colheitas, os costumes rurais e o impacto das mudanças de clima na vida dos personagens. A terra é uma fonte de prestígio, sendo sagrada para os camponeses, é uma grande forma de identitarismo. Esse volume se caracteriza por ser o início dos conflitos geracionais que Maciej e Antek passam a enfrentar, brigando pela divisão de terras. Antek deseja sua independência, que o pai não permite. E, quando Jagna chega, a tensão dos conflitos aumenta. Após se casar com Maciej pela pressão da mãe, por conta do dinheiro que o senhor possuía, não consegue superar a falta de amor que sente por ele e o apego emocional que tem pelo seu filho, Antek. Os temas marcantes desse volume se concretizam em ser a terra como um símbolo de poder, os conflitos entre manter as tradições e promover a mudança, as concepções que a comunidade tem e como o ciclo natural da vida rural se apresenta como um fator muito importante, capaz de moldar a perspectiva da narrativa.

O volume intitulado “Inverno”, segundo livro da obra, traz uma mudança de cenário da aldeia de *Lipce*. Com o fim das colheitas, a comunidade passa a vivenciar seus

períodos de festividades religiosas e comunitárias, como o Natal e o Carnaval. Esse volume representa um tempo de recolhimento físico e com mais emoções sociais. Mergulhada nos meses frios, a aldeia de *Lipce* possui tensões e temas fortes com os acontecimentos na família Boryna. O casamento de Jagna com Maciej, que se inicia no volume anterior e finaliza neste se revela cada vez mais problemático, pois a mulher se sente aprisionada com um homem mais velho, e é vítima das pressões sociais que a cercam. Antek vive um conflito interior em decorrência de sua paixão por Jagna, mas também segue com seus conflitos por conta de herança com seu pai, Maciej, que acaba resultando numa briga física violenta entre os dois, após a tentativa de Antek de cortar árvores da propriedade do velho Boryna sem permissão. Maciej é gravemente ferido, simbolizando a queda do patriarca. A comunidade se divide entre opiniões e com julgamentos morais, principalmente contra Jagna, que é vista como a responsável pela discórdia entre pai e filho. O conflito geracional se torna mais evidente nesse volume, e os códigos morais impostos pela sociedade são pontos marcantes da história.

O terceiro volume de *Os Camponeses*, chamado de “Primavera”, sinaliza e evidencia mudanças simbólicas e emocionais da narrativa. Não necessariamente representa um alívio das tensões; segue sendo um período de desilusão, conflitos, porém com transformações profundas. Nessa estação do ano, os camponeses retornam aos seus trabalhos nos campos, e os rituais sazonais ganham importância. Entretanto, mesmo com essa mudança mais harmônica da paisagem, a crise pessoal de muitos personagens está presente. Maciej segue gravemente ferido, à beira da morte, e sua fragilidade física pode refletir o colapso do velho sistema de poder patriarcal. Com a possibilidade da morte do pai, Antek e seus irmãos acreditam estar mais próximos de conseguirem sua independência e herança. Jagna é isolada pelos moradores da aldeia, que seguem vendo-a como a culpada pelo conflito, enfrentando grande julgamento público. Ela se torna alvo de fofocas, humilhações e da rejeição coletiva. Há interpretações de que Reymont buscava uma crítica intensificada do modo em que uma aldeia/sociedade, embora unida, pode ser cruel com os indivíduos que desafiam suas normas, já que claramente *Lipce* expõe o autoritarismo dos costumes tradicionais. A voz que o autor dá para a comunidade segue tão forte quanto o papel dos protagonistas.

O encerramento da tetralogia ocorre no volume “Verão”. De modo trágico e cíclico, segue refletindo o auge das forças naturais e o fechamento simbólico do ciclo da vida. Em *Lipce*, esse período sazonal representa atividades intensas nos campos, com a

presença de colheitas, festas religiosas e trabalho coletivo, marcando o fim do ciclo narrativo ligado ao desfecho das vidas antrópicas ao eterno retorno das estações. A morte de Maciej Boryna, o patriarca da aldeia, consolida a transição de poder para a nova geração. Seu filho, Antek Boryna, com a herança e o prestígio que tanto almejava, passa a enfrentar novos desafios. Jagna Paczesiówna é completamente rejeitada, publicamente humilhada e expulsa da aldeia. A comunidade atua nesse exílio como se fosse só um corpo, impondo punição sem piedade, demonstrando que a aldeia seguia com ideais de hierarquia de gênero. Apesar dos conflitos e dramas, a comunidade segue funcionando em harmonia com os ritmos naturais e religiosos. O trabalho coletivo continua e os ciclos se renovam. E, apesar das mudanças de lideranças, pouco muda no cotidiano e na estrutura da comunidade rural.

Reymont termina onde tudo começou: com os campos, a terra e os rituais, aspectos mais duradouros que o drama humano. Pode-se considerar que o autor atingiu o nascimento, renascimento, crescimento, conflito e colheita/morte no romance, espelhado pelas estações do ano. O romance não se baseia em retratar apenas a história de indivíduos, mas uma civilização rural inteira, que possui e mantém seus mitos, celebrações, dramas e regras.

COONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas permitem perceber como os elementos presentes nas obras literárias podem servir de base para reflexões com enfoques acadêmicos e sociais. A Literatura emerge, assim, como uma via legítima de acesso aos significados simbólicos, às representações culturais e às características naturais de determinados espaços. Longe de se restringir à dimensão estética, a obra literária assume um papel relevante como fonte interdisciplinar de interpretação, especialmente quando articulada ao campo da Geografia.

Nesse contexto, *Chłopi* se destaca ao oferecer um retrato profundo das dinâmicas de existência e das vivências dos camponeses poloneses, revelando aspectos sociais, culturais e ambientais que marcam o cotidiano das comunidades rurais. Ao examinar essas representações, é possível compreender não apenas a realidade retratada, mas também os modos como o autor constrói um espaço simbólico, onde o território, a paisagem e a identidade dos personagens se entrelaçam e conferem sentido ao vivido.

Como desdobramento futuro, propõe-se a realização de uma tradução livre da obra, com o intuito de torná-la acessível ao público brasileiro. Tal iniciativa permitirá aprofundar as análises já iniciadas, ampliando o uso acadêmico da obra e favorecendo novas interpretações. Parte-se da concepção de que a Literatura pode ser compreendida como um meio legítimo de produção de conhecimento, especialmente no que se refere às representações geográficas e às interações entre espaço, tempo, paisagem e cultura. Dessa forma, espera-se contribuir para a valorização da literatura enquanto instrumento metodológico e interpretativo no âmbito da pesquisa geográfica.

REFERÊNCIAS

- REYMONT, W. S. Os camponeses (4 vols.). Tradução livre do original em polonês: *Chłopi*, 1904-1909.
- CAVALCANTE, V. T. Por uma geografia literária: de leituras do espaço e espaços de leitura. **Anuário de Geografia da UEG - ANGEPE**, v. 16, n. 31, p. 191–201, 2020.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: POSSIBILIDADES PARA O INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Soraya Cruz (UNESPAR-UV)
soraya.ima.c@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Era Tecnológica trouxe desafios à promoção da leitura, especialmente entre os jovens, que tendem a preferir os estímulos das mídias digitais. No entanto, esse cenário também oferece oportunidades, como o acesso facilitado a diversos gêneros textuais, destacando-se a popularização das Histórias em Quadrinhos (HQs), que, além de acessíveis, mostram-se eficazes recursos didáticos por sua linguagem dinâmica e atrativa.

Diante disso, esta pesquisa propõe-se a investigar como as HQs podem ser utilizadas de forma eficaz no ensino de Língua Portuguesa, buscando estimular a leitura entre os alunos da educação básica. Para tanto, serão abordadas práticas de leitura com HQs, sua contribuição para a compreensão literária e possibilidades pedagógicas relacionadas ao gênero, considerando desafios e experiências já realizadas.

A relevância do tema tem sido discutida por autores como Waldomiro Vergueiro (2012), que ressalta a aceitação gradual das HQs na educação, e Isabel Solé (1998), que enfatiza a leitura como interação significativa entre leitor e texto, aspecto favorecido pelas características visuais e narrativas das HQs.

Adotou-se o método dialético, com abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica, fundamentada na observação e no relato de experiência. O artigo organiza-se em três tópicos: um panorama das HQs no ensino da leitura; relato de uma experiência em escola pública do Paraná; e, por fim, os desafios, dificuldades e possibilidades do uso desse recurso em sala de aula. Ao final, são apresentadas as considerações e conclusões da pesquisa.

O DESVENDAR DAS “HQs” PARA O INCENTIVO À LEITURA

Isabel Solé (1998) afirma que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, guiado por objetivos específicos, como entretenimento ou busca de informações.

Assim, inserir textos como aventuras ou quadrinhos no contexto escolar pode favorecer o hábito da leitura (VILELA, 2009). Apesar de uma aceitação inicial tímida, as HQs foram gradualmente incorporadas ao ambiente escolar, principalmente após sua inclusão em livros didáticos e no PNBE, em 2006 (VERGUEIRO, 2012; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018). Para Vergueiro (2012), as HQs são hoje uma importante mídia popular, e seu uso em sala depende da criatividade e domínio do professor quanto à linguagem do gênero.

Solé (1998) ressalta que a leitura deve proporcionar compreensão e significado ao leitor, o que depende tanto do planejamento didático quanto da familiaridade do aluno com diferentes tipos de texto. A autora enfatiza que o desenvolvimento da leitura exige mais do que técnicas; envolve estratégias cognitivas, conhecimento prévio e experiências diversificadas.

A presença do professor como leitor e mediador é essencial. Solé (1998) e Vilela (2009) destacam que a valorização da leitura por parte dos educadores influencia diretamente a motivação dos alunos, que é fortalecida por vínculos afetivos e práticas planejadas com materiais adequados.

A escolha criteriosa das HQs deve considerar os objetivos educacionais e o nível de ensino (VERGUEIRO, 2012). Como gênero que combina linguagem verbal e visual, os quadrinhos favorecem múltiplas compreensões e se mostram eficazes para trabalhar leitura de forma significativa. Além disso, textos adaptados de obras literárias podem enriquecer o ensino, desde que tratados como produções autônomas (ZENI, 2009).

Para Solé (1998), o ensino de leitura só será eficaz se for construído de forma compartilhada entre professores e alunos, diversificando práticas e propiciando situações reais de leitura. Essa abordagem permite ampliar as possibilidades de uso das HQs, gênero historicamente marginalizado, como ferramenta legítima no ensino de literatura.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: “HQs” NA PRÁTICA DA SALA DE AULA

Com base nos fundamentos teóricos discutidos, realizou-se uma oficina pedagógica em uma escola pública de União da Vitória (PR), no Colégio Estadual Pedro Stelmachuk, durante a 16ª Feira Multidisciplinar da instituição, cujo tema foi a sustentabilidade. A oficina, intitulada “Histórias em Quadrinhos e Sustentabilidade”, foi desenvolvida com uma turma do 3º ano do Ensino Médio noturno, composta por 20

alunos com faixa etária entre 17 e 18 anos, que enfrentam uma rotina exaustiva de trabalho, fator que impacta sua motivação em sala.

Durante os estágios supervisionados, observou-se baixo engajamento com os textos de Machado de Assis. No entanto, a oficina com HQs despertou grande interesse dos alunos. A atividade desenvolveu-se em quatro etapas: apresentação da temática ambiental, estudo da estrutura das HQs, produção em grupo e organização da exposição final.

Utilizou-se o método expositivo dialogado, com apoio de slides, vídeos e HQs físicas (como Turma da Mônica e títulos da Marvel Comics) para familiarizar os alunos com o gênero. A manipulação direta dos exemplares possibilitou uma aproximação afetiva com os textos, promovendo prazer e motivação para a leitura (EISNER, 1985).

Na etapa de produção, os alunos criaram histórias em quadrinhos abordando temas como poluição, desmatamento, queimadas e reciclagem, e organizaram uma exposição com cartazes ilustrados e letras em formato de onomatopeias, reforçando os elementos da linguagem dos quadrinhos.

Os resultados superaram as expectativas: houve alto nível de envolvimento, criatividade e cooperação entre os estudantes. A atividade evidenciou o potencial das HQs como recurso didático eficiente, acessível e interdisciplinar, reforçando sua relevância para o estímulo à leitura, ao pensamento crítico e à expressão artística em sala de aula.

ENTRE A TEORIA E OS CONHECIMENTOS EMPÍRICOS: REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS, DIFICULDADES E POSSIBILIDADES DE ENSINO A PARTIR DAS HQs

A partir do levantamento teórico e da prática desenvolvida na oficina com HQs, foram identificados desafios e possibilidades no processo de incentivo à leitura. A necessidade de motivar os alunos exigiu a busca por estratégias que unissem teoria e experiência prática.

Autores como Waldomiro Vergueiro (2012) e Isabel Solé (1998) forneceram os fundamentos teóricos que embasaram a prática pedagógica. Vergueiro destaca o processo de aceitação gradual das HQs na educação e seu potencial de engajamento, reafirmado pela experiência da oficina. Ele aponta que a única limitação para o uso desse recurso é a

criatividade do professor, algo confirmado pela resposta positiva dos alunos ao contato direto com diferentes títulos e à produção de suas próprias histórias.

O papel do professor como mediador foi decisivo, assim como a seleção adequada dos materiais utilizados, de acordo com o nível de ensino. A abordagem visual e textual das HQs facilitou a interação dos alunos com o conteúdo, conforme os princípios de Solé (1998), permitindo uma leitura prazerosa e significativa.

Os dados observados durante a oficina confirmam que as HQs são eficazes como ferramenta pedagógica, promovendo criatividade, pensamento crítico e o desenvolvimento da competência leitora, especialmente no ensino de Língua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não representem uma solução estrutural para os desafios da educação, as Histórias em Quadrinhos se mostram uma ferramenta didática eficaz para o incentivo à leitura, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa. Suas características visuais e narrativas favorecem o engajamento dos alunos, tornando a leitura uma experiência mais atrativa e significativa. A prática realizada no Colégio Estadual Pedro Stelmachuk reforçou os fundamentos teóricos de Isabel Solé e Waldomiro Vergueiro quanto ao potencial das HQs no contexto educacional, sobretudo quando aliadas a uma mediação criativa e intencional por parte do professor.

Ficou evidente que, usadas de forma estratégica, as HQs promovem o desenvolvimento da interpretação textual e fomentam discussões críticas. No entanto, seu uso deve ser complementar, integrando-se a outras práticas de leitura e contribuindo para a formação de leitores competentes e críticos.

Conclui-se, portanto, que as HQs, quando bem selecionadas e aplicadas com intencionalidade pedagógica, podem ser aliadas valiosas na construção do gosto pela leitura e no fortalecimento das competências leitoras dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF, 2006.

DECOL, Jocieli. **Aula expositiva: entenda como funciona essa técnica de ensino-aprendizagem**. In: DECOL, Jocieli. **Aula expositiva:: entenda como funciona essa**

técnica de ensino-aprendizagem. [S.l.], 7 ago. 2024. Disponível em:
<https://blog.mettzer.com/aula-expositiva/>. Acesso em: 07 out. 2024.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Devir, 1985

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinho na sala de aula** / Angela Rama, Waldomiro Vergueiro, (org.). 4. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. – (Coleção Como usar na sala de aula)

SILVÉRIO, Paulo (Org.). **Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE**. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Contexto, 2012.

SISTEMA DE ENSINO, Poliedro. **O que são as metodologias ativas de ensino?** In: SISTEMA DE ENSINO, Poliedro. **O que são as metodologias ativas de ensino?** [S. l.], 16 mar. 2022. Disponível em: <https://www.sistemapoliedro.com.br/blog/o-que-sao-as-metodologias-ativas-de-ensino/>. Acesso em: 7 out. 2024.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

ESCRITA CRIATIVA: SENTIDOS PARA A ESCRITA ACADÊMICA

Fidelainy Sousa Silva (UNESPAR-UV)
fidelainy.silva@unespar.edu.br

INTRODUÇÃO

As preocupações sobre a escrita criativa no espaço acadêmico sempre estiveram presentes, ainda que camufladas sob uma intelectualidade disfarçada pelo uso rígido dos gêneros textuais. No contexto do ensino de literatura, propus uma reflexão sobre a temática “Escrita Criativa: sentidos para a escrita acadêmica”, realizada na mesa temática no IV Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. Com o tema “Línguas, Culturas e Literaturas” e realizado entre os dias 5 e 8 de maio de 2025, na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória-PR, o evento estava centrado em promover reflexões e trocas de saberes entre estudantes, docentes e pesquisadores da área de Letras e afins.

Com a intenção de ampliar o conhecimento sobre a escrita criativa no contexto universitário e destacar o potencial da autoria durante o processo de formação inicial, o diálogo se firmou em reduzir os estigmas que afastam os alunos da utilização eficaz da habilidade criativa na escrita. No ensino de literatura, é fundamental fortalecer a confiança dos estudantes para que se sintam habilitados a explorar os processos criativos, para alcançar uma escrita acadêmica diversificada e sólida. Para tanto, é necessário desmistificar crenças e mitos, orientar o desenvolvimento da escrita com liberdade de expressão e apresentar estratégias para experimentação estética na produção acadêmica.

Uma das dificuldades latentes provocadas quando a escrita é, frequentemente, tratada como uma tarefa puramente técnica, marcada por exigências formais e distanciamento autoral. Nas aulas de literatura o uso da técnica pela técnica muitas vezes perpetua um paradoxo: distanciamento entre o aluno leitor e o aluno escritor. Mesmo entre estudantes que se declaram pela literatura, muitos afirmam aversão a escrita. Como é possível que os mesmos alunos que afirmam que a leitura literária transformou suas vidas, também afirmarem que não são capazes de escrever criativamente?

Ocorre um constrangimento geral diante das atividades de escrita nos cursos de licenciatura¹. E ele surge à medida que a escrita, em sala de aula, só é vista como proposta avaliativa. Antes de adentrar pelas questões pedagógicas do ensino de literatura propriamente dito, quero adentrar uma questão, que considero anterior ao processo avaliativo para as aulas de literatura. Como alunos leitores podem aplicar a familiaridade literária à **produção acadêmica**? Como incentivar o leitor de ficção à **experimentação estética**? Como os alunos de licenciatura podem escrever textos acadêmicos com **autoria** consciente?

DESENVOLVIMENTO

Partimos do ponto de que a escrita acadêmica e a escrita criativa não são práticas antagônicas e aqui nesse texto estaremos guiados pelo princípio fundamental da composição: a escrita é intenção de efeitos. Todo enunciado carrega marcas de autoria, ainda que seja em contextos formais. Por isso, a ideia de que o texto acadêmico deve ser exclusivamente impessoal, difundida por muito tempo, inibiu a utilização de recursos estilísticos em espaços acadêmicos. Enquanto, a prática da criativa estaria destinada apenas aos intelectuais consagrados, como se estes pudessem exercer sua liberdade intelectual criativa, os demais escritores estariam fadados a utilização irrestrita da formalidade. A partir desse pressuposto, a formação do professor de línguas estaria, contraditoriamente, rejeitando ao circuito básico: leitura, escrita e reescrita.

O desafio de propor prática de escrita aos alunos de licenciatura perpassa por todas a grade curricular e não é diferente para as disciplinas de Literatura Brasileira I, II, III e Teoria Literária I, II. Mesmo que o trabalho de ensinar “criatividade” já esteja sendo utilizado no ensino de outras artes como a música, o canto, a dança dentre outros. Não dá para não buscarmos o trabalho de João de Mancelos (2008), pois além de apontar algumas questões imprescindíveis para se compreender o formador de Escrita Criativa ele afirmar que é possível: “transmitir, aos discentes, técnicas de composição [...] que contribuam para a formação de poetas, prosadores, dramaturgos e guionistas mais inventivos e habilitados.” (2008, p. 07).

¹ Recorte estritamente ligado aos alunos das turmas de Letras Português/Inglês, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória-PR, nas disciplinas de Literatura Brasileira e Teoria Literária, ministrada no primeiro semestre de 2025.

Para promover estratégias para aproximar “atividade avaliativa” de “escrita autoral” é necessário compreender que a criatividade não é um dom, mas uma prática que envolve intenção. Edgar Allan Poe (1999), questiona o escritor que esconde o caminho percorrido e privilegia apenas antes a composição final do texto.

Muitas vezes pensei quão interessantemente podia ser escrita uma revista, por um autor que quisesse, isto é, que pudesse pormenorizar, passo a passo, os processos pelos quais qualquer uma de suas composições atingia seu ponto de acabamento. Por que uma publicação assim nunca foi dada ao mundo é coisa que eu não sei explicar, mas talvez a vaidade dos autores tenha mais responsabilidade por essa omissão do que qualquer outra causa. Muitos escritores, especialmente os poetas, preferem ter por entendido que compõem por meio de uma espécie de sutil frenesi, de intuição estática; e positivamente estremeceariam ante a idéia de deixar o público dar uma olhadela, por trás dos bastidores, para as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento (POE, p 1).

Nas salas de aulas de licenciatura, em geral, se considerarmos apenas a parcela de leitores de ficção, podemos abrir três declarações: o leitor de ficção estar familiarizado com a forma e as temáticas literárias; se conecta com a leitura ficcional e por meio dela rescreve significações ao texto; e compartilha interesses e afinidades com o escritor. Assim, a leitura ficcional é parte do processo de uma escrita autoral, dito de outro modo, no intervalo entre a teoria criativa e experiência do leitor cabe a escrita.

Pode parecer pretensiosa essa afirmação, mas caminharemos agora por dois grupos², leitores e não leitores de ficção, para chegarmos ao ponto de que a proximidade com o texto literário já é um passo importante para a criação literária ou não. Ou seja, escrever bem academicamente pode e deve utilizar-se de um conhecimento integrado de escrita. Quem escreve ficção pode também aprender escrever não ficção e vice-versa.

A escrita criativa abre a possibilidade de ressignificar a experiência da escrita universitária, pensando que a escrita passa pela criatividade e também por seus componentes de revisão. Em vez de se opor à escrita acadêmica, a escrita criativa pode fortalecê-la, contribuindo para que os alunos escrevam com mais consciência de linguagem e, principalmente, com mais liberdade. Ao permitir que o estudante se aproxime do que pensa a criatividade amplia a potência comunicativa do texto, sem abrir mão de densidade e criticidade (ANTUNES, 2003; SALINGER, 2020).

A escrita criativa se distingue pela abertura a escolhas de linguagem que valorizam a experiência, a subjetividade e a singularidade do autor, mesmo assim, alguns autores de

² Sem fins sistemáticos de investigação.

ficção ainda não se permitem aparecer em sua criação. Ao contrário dessa estranheza temos Conceição Evaristo (2008), ao formular a noção de escrevivência, ela demonstra que narrar é também inscrever memórias, afetos e ancestralidades no texto. Ou seja, é importante que o texto carregue suas memórias. Essa perspectiva pode também ser usada para ampliar o entendimento da produção acadêmica, pois ela não nasce apenas do diálogo com a bibliografia, mas também das marcas das vivências de quem escreve. Isso não significa abandonar normas, mas incorporá-los de forma consciente.

Ao explorar a escrita de si, o estudante desenvolve uma relação mais profunda com o próprio texto, compreendendo que todo trabalho acadêmico é atravessado por escolhas que podem possibilitar que o texto seja ao mesmo tempo teórico e expressivo. A escrita acadêmica está vinculada a gêneros formais: artigo, ensaio, memorial, projeto de pesquisa, e estes, que são molduras formais necessárias. Esses formatos não precisam ser prisões: quando compreendidos, podem ser espaço para inovação. Como sugere Edgar Allan Poe em *A Filosofia da Composição* (1999), pensar na arquitetura do texto é parte do processo criativo. Estruturar o argumento, planejar o efeito no leitor e organizar a progressão das ideias não exclui, mas potencializa a expressividade.

A obra de Maria da Graça Lisboa Castro Pinto (2018) fornece um panorama detalhado sobre os meandros da escrita acadêmica, oferecendo orientações para estudantes universitários. Sua perspectiva dialoga diretamente com a proposta de integração da escrita criativa ao espaço acadêmico, pois ambas partem da compreensão de que a produção textual exige prática continuada, consciência de gênero e investimento autoral. Para a autora, escrever não é mera justaposição de palavras, mas um processo que demanda disciplina, leitura consistente e domínio das convenções próprias da escrita acadêmica. Essa visão converge com a noção defendida neste trabalho de que a criatividade na escrita universitária não se opõe, mas o complementa.

O que está em jogo, em ambos os casos, é a construção de um texto que, para além de correto formalmente, tenha voz própria do estudante. Tal constatação reforça a necessidade de que, no contexto universitário, a escrita seja ensinada e praticada de forma deliberada. Aqui, a escrita criativa pode cumprir um papel pedagógico importante: ao propor exercícios de experimentação e alternância de registros, ajuda a consolidar competências discursivas que favorecem tanto o domínio formal quanto a expressividade. No campo das técnicas, o treino acadêmico formal, também podem ser desenvolvidos por meio de práticas de escrita criativa. Por exemplo, reescrever um texto acadêmico em

diferentes estilos narrativos podem ajudar o estudante a compreender a estrutura argumentativa e a função retórica das fontes.

Assim, é possível afirmar que a escrita acadêmica e a escrita criativa exigem prática, leitura, consciência estrutural e elaboração autoral. O desafio está em formar escritores que sejam capazes de transitar entre o rigor formal e a liberdade expressiva, compreendendo que o texto científico pode ser, ao mesmo tempo, imaginativo, crítico, técnico e poético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível romper a ordem tradicional (introdução, desenvolvimento, conclusão) por meio de estratégias criativas, como iniciar um texto com perguntas instigantes, citações inesperadas ou breves narrativas. Para isso é preciso a escuta como parte da escrita, ou seja, é necessário ler e ouvir o próprio texto, para identificar travas e assim caminhar para as etapas de revisões. Cada texto precisa de um ritmo conforme a intenção comunicativa. Por isso, as vezes a afetividade no texto também pode ser uma ferramenta crítica, pois escrever com vínculo afetivo e reconhecer envolvimento ao texto não anula a objetividade, mas aprofunda a análise. E sempre que possível, pode-se utilizar parágrafos curtos, subtítulos e pausas para facilitar a leitura e organizar o pensamento.

Essas práticas, aliadas a exercícios de escrita livre, reescrita e leitura compartilhada, estimulam a formação de um estilo próprio sem comprometer a clareza e a fundamentação exigidas na academia.

Escrever bem não é apenas dominar regras gramaticais ou estruturas formais. É, sobretudo, encontrar uma forma própria de dizer. A escrita criativa oferece caminhos para essa busca, ampliando a percepção de que toda escrita é composição de efeitos, jogo de linguagem e exercício de presença. Ao incentivar a leitura atenta, a escuta sensível e a experimentação, a escrita criativa pode transformar não apenas os textos produzidos, mas a própria relação do sujeito com o saber, com o outro e com o mundo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola, 2003

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

MANCELOS, João de. **O ensino da escrita criativa em Portugal: preconceitos, verdades e desafios**. Exedra (Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra), n. 2, p. 155–160, 2010.

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. In: POE, Edgar Allan. Poemas e ensaios. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 1999.

SALINGER, Mariana. **Escrita criativa: da liberdade à técnica**. São Paulo: Unesp, 2020.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA: AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Daniela Roberta Holdefer (UNESPAR-UV)

daniela.holdefer@unespar.edu.br

Giselle Ludka (UNESPAR-UV)

giselle.ludka@unespar.edu.br

Matheus Falk (UNESPAR-UV)

matheus.falk@ies.unespar.edu.br

Raul Ferreira Belúcio Nogueira (UNESPAR-UV)

raul.nogueira@unespar.edu.br

Sandra Salete de Camargo Silva (UNESPAR-UV)

sandra.salete@ies.unespar.edu.br

INTRODUÇÃO

As temáticas relacionadas à internacionalização nas instituições de ensino superior têm ganhado destaque nos últimos anos, em razão do estreitamento das fronteiras linguísticas, econômicas e sociais em um mundo cada vez mais interconectado. A expansão das redes de contato entre a comunidade global, viabilizada pelos recursos tecnológicos, tem possibilitado o intercâmbio de informações e a construção coletiva, diversa e abrangente do conhecimento.

Nesse contexto, as ações de internacionalização assumem um papel mediador, ao favorecerem a interação entre diferentes saberes, culturas e práticas acadêmicas, constituindo-se como um elo essencial na produção e circulação do conhecimento no espaço universitário. Considerando que o tema da internacionalização ainda possa soar inédito para alguns membros da comunidade acadêmica, optou-se por abordá-lo de forma mais informal e dialógica, a fim de facilitar sua compreensão e estimular a colaboração.

Para isso, foi criado o espaço denominado **Relatos de Experiência**, no qual um grupo de docentes compartilhou vivências relacionadas ao tema em questão. A iniciativa possibilitou a participação não apenas de acadêmicos, mas também da comunidade externa, que pôde contribuir de maneira coletiva, trazendo dúvidas, reflexões e novas perspectivas.

DESENVOLVIMENTO

A internacionalização como processo de expansão de atividades das universidades para além das fronteiras brasileiras, envolvendo adaptação e interação com um contexto

global, apresentou um desenvolvimento gradual, com momentos de maior destaque nas últimas décadas. Nas universidades inicialmente se concentrou em parcerias bilaterais e mobilidade acadêmica, principalmente nas pós-graduações, mas com o tempo, impulsionada por políticas públicas e pela busca por maior reconhecimento internacional, evoluiu para a integração de dimensões internacionais, interculturais e globais nas atividades das instituições e estendendo-se também para a graduação.

Especialmente na UNESPAR, a internacionalização vem sendo coordenada e promovida pelo Escritório de Relações Internacionais (ERI), órgão vinculado à Reitoria. Assim, os acadêmicos de pós-graduação e graduação, professores e agentes universitários têm a oportunidade de participar de processos de internacionalização. As principais possibilidades estão associadas a, aproximadamente, 20 convênios formados com instituições de 12 países diferentes. A mobilidade pode acontecer com instituições nacionais e internacionais, de forma presencial e virtual com a realização de parte dos estudos, pesquisa ou estágio de estudantes, participação de professores em cursos de graduação ou pós-graduação e a troca de conhecimentos entre agentes universitários. Há ainda o auxílio do ERI aos profissionais na elaboração e desenvolvimento de projetos de gestão da internacionalização o que solidifica as políticas de internacionalização da UNESPAR junto a outras instituições.

No âmbito das ações de internacionalização, o compartilhamento de experiências se apresenta como uma oportunidade de refletir sobre diferentes vivências, favorecendo a construção de espaços de diálogo, acolhimento e busca de soluções para os desafios enfrentados. Foi nesse formato de apresentação oral que docentes da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória, optaram por socializar algumas de suas experiências vinculadas às ações de internacionalização no ensino superior, em diferentes momentos de suas trajetórias acadêmicas.

Esses relatos de experiência integraram as comunicações apresentadas durante o **IV Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários: línguas, culturas e literaturas**, realizado entre os dias 5 e 8 de maio de 2025, nas dependências da UNESPAR – campus de União da Vitória. Cabe destacar, inicialmente, que os professores envolvidos são membros do Comitê de Internacionalização (COMINT – UNESPAR) ou, de algum modo, atuam diretamente em ações de internacionalização promovidas pela instituição.

Para abrir a sessão de relatos, a docente proponente interagiu com um grupo de acadêmicos da universidade, apresentando uma experiência de internacionalização vivida em 2024. Na ocasião, a instituição recebeu a professora Juliana Zapata Galvis, advogada, Mestra em Direito Ambiental e com estudos de Doutorado em Direito, que é docente da Universidade Pontificia Bolivariana, Campus Palmira, na Colômbia, a qual veio ao Brasil por meio do **Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-Americano (PILA)**, em modalidade de mobilidade presencial.

Entre os aspectos debatidos, destacou-se a questão linguística envolvida nas interações orais com a professora colombiana. Inicialmente, havia a preocupação de que a ausência de fluência em espanhol — língua materna da visitante — pudesse constituir um entrave à comunicação, uma vez que os docentes com quem ela mais interagiu utilizavam, predominantemente, o português brasileiro e/ou o inglês. Contudo, ao contrário do que se imaginava, as conversas ocorreram de maneira fluida e sem maiores dificuldades, em razão das similaridades existentes, especialmente entre o português e o espanhol.

A partir do primeiro contato, estabeleceu-se que cada participante utilizaria a sua língua materna, construindo, de forma colaborativa, um código linguístico que possibilitou a comunicação de maneira eficiente e inteligível. O compartilhamento dessa experiência teve como objetivo evidenciar que a falta de domínio pleno de um idioma não precisa constituir um impeditivo para práticas comunicativas entre interlocutores.

Outro tema abordado nos relatos referiu-se às experiências internacionais vivenciadas pelos docentes durante seus percursos acadêmicos, seja na graduação, no mestrado ou no doutorado. Foram mencionados os desafios enfrentados para participação em programas de mobilidade presencial, tais como barreiras econômicas, burocráticas e logísticas. Também se destacou a importância de marcos históricos da internacionalização no Brasil, a exemplo do programa **Ciências sem Fronteiras**, criado pelo governo federal com o propósito de promover o intercâmbio de estudantes brasileiros em universidades estrangeiras. O programa alcançou seu auge em 2014 e 2015, mas recebeu críticas devido à baixa produção científica apresentada por parte dos participantes após o retorno às instituições de origem.

Além das memórias de experiências anteriores, os docentes aproveitaram o espaço para divulgar ações de internacionalização em andamento nas quais estão diretamente envolvidos. Relatos dessa natureza contribuem para que os acadêmicos reflitam sobre as possibilidades de inserção nesse campo, frequentemente viabilizadas pelo ensino superior. Além disso, permitem aproximá-los de vivências concretas, fortalecendo o entendimento sobre os benefícios e desafios da internacionalização acadêmica.

Um dos docentes do grupo também compartilhou sua trajetória de internacionalização, relatando tanto as tentativas bem-sucedidas quanto as frustradas de intercâmbio durante a graduação e a experiência de realizar o doutorado no exterior. Destacou as oportunidades de pesquisa e aprendizado que sua passagem pela Itália e pela Alemanha proporcionaram, bem como os reflexos positivos que hoje busca estender ao curso de Direito e à Unespar de forma mais ampla. Além dos aspectos acadêmicos e profissionais, ressaltou também os vínculos pessoais e de amizade construídos nesse processo, que considera a dimensão mais significativa e enriquecedora de sua vivência.

Uma das docentes destacou que as ações institucionais de internacionalização ampliam e enriquecem o processo formativo da Unespar para estudantes, professores e agentes universitários. Ressaltou ainda que cursos como Direito, Pedagogia e o Mestrado Profissional em Educação Inclusiva têm buscado estabelecer diálogo com a América Latina por meio do intercâmbio de práticas e processos inclusivos, com ênfase no direito à educação.

Nesse contexto, a recepção da professora colombiana Juliana Zapata Galvis, realizada no campus em outubro de 2024, configurou-se como uma valiosa oportunidade, culminando na criação de um grupo de estudos e pesquisas. Sua intensa participação nas atividades do campus, vinculada ao Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-americano (PILA), aproximou estudantes da graduação e da pós-graduação, docentes e agentes universitários de experiências internacionais e trajetórias acadêmicas, despertando maior interesse pela mobilidade internacional entre os participantes do Campus de União da Vitória.

Destacou-se, ainda, a presença do Magnífico Reitor da Universidade de Luanda (UniLuanda), Professor Doutor Alfredo Gabriel Buza, que esteve no Campus de União da Vitória da UNESPAR, a convite do Escritório de Relações Internacionais (ERI). Sua vinda possibilitou o estreitamento do diálogo entre os países lusófonos, permitindo que o

curso de Direito da UNESPAR contasse, no âmbito de sua II Jornada Jurídica, realizada entre os dias 25 e 29 de novembro de 2024, com palestra realizada, de forma online, pelo Professor Doutor Miguel Sadrac Firmino, vinculado à instituição angolana, sobre o importante tema: "Educar para os direitos humanos no Ensino Superior".

No mesmo domínio da Jornada realizou-se, ainda, em formato híbrido, o I Encontro de Pesquisa, Extensão e Cultura do Curso de Direito, que congregou estudantes, docentes e pesquisadores da UNESPAR, campus de União da Vitória, da UniLuanda e da Universidad Pontificia Bolivariana (UPB), da Colômbia, favorecendo o intercâmbio internacional de experiências e saberes enquanto espaço no qual as diversidades culturais e jurídicas se apresentaram como ponto de partida para a reflexão crítica e para a construção coletiva do conhecimento.

As vivências relatadas pelos docentes e compartilhadas durante a comunicação oral evidenciaram que as ações de internacionalização possibilitam à comunidade acadêmica explorar oportunidades de aprendizagem para além das fronteiras, inspirando todos a sonhar cada vez mais alto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internacionalização está mais presente no cotidiano da comunidade acadêmica do que, muitas vezes, se imagina. Diversas atividades desenvolvidas no ensino superior configuram-se como práticas internacionais, embora muitas passem despercebidas por aqueles que as realizam.

O compartilhamento de relatos e experiências nesse campo contribui para aproximar a comunidade acadêmica das ações de internacionalização, favorecendo a reflexão e a valorização dessas práticas. Esse movimento pode estimular novas iniciativas, tanto nos cursos de graduação e pós-graduação quanto nas atividades docentes realizadas no âmbito do ensino superior.

A internacionalização é um fenômeno crescente na comunidade humana global, algo que já vem fazendo parte de nosso dia-a-dia. É justo que as universidades também abram mão deste fenômeno que está moldando o mundo contemporâneo, para facilitar o intercâmbio cultural, a disseminação de tecnologias, inovações e conhecimento. E o mais importante é que os estudantes tenham acesso a estas possibilidades de participação e integração.

REFERÊNCIAS

CRYSTAL, D. **English as a global language**. 2nd edition: Cambridge, 2003.

JENKINS, J. **Current Perspectives on teaching World Englishes and English as a lingua Franca**. *Tesol Quarterly*, vol.40 , no.1, March, 2006.

KACHRU, B. B. (1996). **English as lingua franca**. In Hans Goebel, Peter H. Nelde, Zdenek Stry, and Wolfgang Wölck (eds.), *Kontaktlinguistik*, vol. 1 (pp. 906–13). Berlin: Mouton de Gruyter.

MOROSINI, M. C.; WOICOLESCO, V. G.; MARCELINO, J. M. (org.). **Internacionalização na Educação Básica e Superior: conexões necessárias**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.